

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PEDAGOGIA DA MORTE

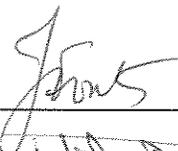
Álvaro José Camargo Vieira
Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por **Álvaro José
Camargo Vieira** e aprovada pela Comissão
Julgadora.

Data: 29/08/2002

Assinatura: .....

Comissão Julgadora:







2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE 80
Nº CHAMADA T/UNICAMP
V673P
V EX
TOMBO BCI 51403
PROC 16-837/00
C DX
PREÇO R\$ 11,00
DATA 09/11/02
Nº CPD _____

CM00176322-7

IB ID 266071

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

V673p

Vieira, Álvaro José Camargo.
Pedagogia da morte (violência e morte no espaço escolar) / Álvaro José
Camargo Vieira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador :Joaquim Brasil Fontes Júnior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Pedagogia. 2. Morte. 3. Violência. 4. Escolas. 5. Adolescência.
I. Fontes Júnior, Joaquim Brasil. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

02-152-BFE

*Aos meus pais que
me ensinaram a ver possibilidades nas dificuldades.*

20254172

Agradecimentos

A concretização de uma pesquisa não pode ser considerada um trabalho solitário, pois depende da generosidade de muitas pessoas, seja essa generosidade intencional ou não. Por isso, Gostaria de começar agradecendo a todos os meninos e meninas que participaram das oficinas de vídeo pela amizade e pela dedicação aos filmes.

Agradeço:

à FAPESP, pela atenção dispensada, pelos pareceres interessantes que nos ajudaram a repensar algumas perspectivas e pelo suporte material dado à pesquisa;

ao Padre Jaime, o acolhimento e interesse dispensado à pesquisa, por meio de sua generosidade entramos em contato com as escolas e com os centros de lazer da juventude da região;

ao Izídio, diretor do Espaço da Gente Jovem do Jardim Nakamura que acreditou no nosso trabalho ajudando a divulgá-lo nas escolas;

à Diretora Lurdes, da Escola Estadual Oscar Pereira, pelo tempo dispensado respondendo nossas questões a respeito da violência escolar;

à Dolores, da Escola Municipal Oliveira Viana, por ter possibilitado a realização da pesquisa nesta escola e por nos ter ajudado a compreender como se pode transformar uma escola a partir de iniciativas originais;

à Denise da Escola Municipal Ana Silveira pela atenção dispensada ao nosso trabalho;

à Cecília pela tradução do resumo;

ao Prof. Joaquim por sua generosidade nos momentos críticos da pesquisa;

ao Hélio pela condução da pesquisa e pelo bom humor – aliviador – nos momentos de tensão;

ao Noel, companheiro de filmagens e de interessantes debates sociológicos;

à Tânia que com sua leitura crítica redimensionou o nosso texto;

à Camila e ao Alê pelas opiniões e pela solidariedade dispensada nos momentos difíceis;

à Eni e o Oliver pela amizade.

Enfim, à Graciene e às crianças por compreenderem as ausências.

Sumário

1 - Introdução	1
2 - Procedimentos Metodológicos	4
3 - Violência	11
3.1 - Violência na cidade	14
3.2 - A ausência do Estado	17
3.3- Rumo à zona sul	19
3.4 - Escolas da zona sul	22
3.5 - Representações da violência no Rap	30
3.6 - Considerações preliminares	35
4 - A morte na zona sul	37
4.1 - O Cemitério São Luiz	38
4.2 - A morte do marginalizado	41
4.3 - Violência e morte entre adolescentes.....	43
4.4 - A morte no centro da cidade	46
5 - Considerações finais.....	48
6 - Referências Bibliográficas	52
7 - Glossário	55
8 – Anexos:	

A : Mapa da cidade de São Paulo com localização do Jardim Ângela.....	58
B: Roteiro resumido em blocos do documentário: “Novos quilombos de Zumbi”.....	59
C: Distribuição dos adolescentes infratores, segundo sexo, cor, idade, naturalidade, escolaridade e inserção no mercado de trabalho – Município de São Paulo 1988-91/1993-96.....	61
D: Grafite: Jovem atirando (muro do Cemitério São Luiz).....	62
E: Porcentagem de mortes provocadas por armas de fogo – 14 distritos da zona sul de São Paulo – 1995 – fonte: boletins de ocorrência policial.....	63
F: Tabela: dez principais causas de morte na faixa etária de 10 a 19 anos no município de São Paulo, 1998.....	65
G: Grafites representando a morte (muro do cemitério São Luiz).....	66
H: Imagens do Cemitério São Luiz.....	68
I: Dias e horários em que são cometidos os homicídios – 14 distritos da zona sul de São Paulo – 1995 – Fonte: Boletins de ocorrência policial.....	70
J: Causas das mortes violentas na zona sul da cidade de São Paulo.....	73
L: Distribuição dos adolescentes infratores, por escolaridade, segundo a natureza da infração – Município de São Paulo – 1993-96.....	74

Resumo

Levando-se em conta a freqüência da morte violenta no espaço escolar - acentuada, sobretudo, na década de noventa - nossa pesquisa “Pedagogia da Morte (violências e morte no espaço escolar)”, tem como objetivo detectar como estas mortes repercutem na vida da escola, na dos adolescentes que a freqüentam, na dos professores e pedagogos que nela trabalham.

A pesquisa divide-se em dois momentos principais. No primeiro tentamos compreender a violência na cidade e o mecanismo de busca de vítimas expiatórias como forma de canalizar esta violência. Este mecanismo colocará a cidade em oposição com a periferia e, deste modo promoverá a reciprocidade violenta disseminadora da morte.

A falta de um Estado capaz de arbitrar os conflitos sociais e promover a justiça social fará com que esta violência adquira grandes proporções, sobretudo na periferia, onde atinge principalmente os adolescentes.

Num segundo momento, tentamos apreender a presença da morte na periferia e no centro da cidade. A morte violenta nas periferias a torna familiar, ao ponto de não ser percebida sua interferência no cotidiano escolar. Os adolescentes, que correm mais risco de serem mortos, pelo fato de freqüentarem lugares propícios aos desentendimentos resolvidos de modo brutal – a maior parte dos homicídios entre adolescentes da zona sul se deve às brigas por motivos fúteis que ocorrem em bares, festas...- por envolverem-se com atividades criminosas, numa tentativa de sobreviverem e pelo fato de serem mais susceptíveis aos apelos de consumo – a maior parte das propagandas são dirigidas ao público jovem, que sem dúvida constitui grande parte da população da cidade de São Paulo, – sentem necessidade de possuir bens materiais caros, o que pode levar alguns a praticarem crimes. A percepção da morte violenta apresentar-se-á na música, nos discursos, nos grafites e nas manifestações culturais, que de um geral, tentam mostrar a proximidade da juventude das periferias com a morte .

As escolas não encontraram, até o momento, soluções pedagógicas para lidarem com a violência disseminadora de morte. Tentar reforçar a segurança por meio de portões blindados, grades nas janelas e a presença da polícia no seu espaço, não se mostrou alternativa capaz de resolver o problema. Na maioria da vezes, iniciativas deste tipo contribuíram para alimentar a reciprocidade violenta entre os alunos e a escola e entre a escola e a comunidade que constitui a sua clientela.

No centro da cidade, não se vê a presença ostensiva da morte, vive-se como se já não se morresse mais, pois a morte dissimula-se nos hospitais, na velocidade das ambulâncias, na ocultação dos cemitérios. Um olhar mais atento revela, entretanto, o medo da morte, proveniente da violência urbana. O medo da morte violenta tomou a cidade.

Esperamos, com este trabalho, propiciar uma reflexão sobre a violência e a morte na cidade e especificamente no cotidiano escolar.

Abstract

The frequency of death in the school's space – grew in ninety decade – motivated this research: "Pedagogy of death" (violence and death in the school's space), What has the aim to discover how the death influence in school's life – students, teachers and employer's life.

This research has two moments: In the first we try understand the violence in the town and the mechanism of this violence what put the town in opposition with its periphery. This violence arrive in school.

So, in the second moment we try to apprehend the presence of the death in the schools, periphery and town's center.

Our aim is to give elements for pedagogues about violence and death and help to think the violence's mechanism in the towns.

1 - Introdução

Na nossa perspectiva, a morte é pedagoga porque a partir dela podemos aprender aspectos importantes da nossa sociedade. As relações estabelecidas com a morte desvendam os medos, as violências e os padrões de comportamento. Não estamos distantes de Vovelle (1974) ao afirmarmos isto, pois para este autor uma sociedade pode ser compreendida focalizando-se as atitudes coletivas diante da morte, sobretudo porque nestas atitudes estão inscritos o *habitus* social e as concepções religiosas.

Nos velórios ela não está apenas no caixão, ela ‘contamina’ os gestos e as expressões, mobiliza os discursos e os pensamentos. No passado, as posturas diante da morte eram mais padronizadas, o cerimonial estabelecia regras de comportamento para os participantes. Cada um tinha o seu lugar, cada um tinha a sua função. As carpideiras eram pagas para chorar o morto, o padre deveria confortar os vivos, recomendando a alma a Deus. A família deveria preparar a recepção dos parentes e dos amigos que vinham dar os pêsames. A vigília em torno do caixão era organizada, o morto não podia ficar sozinho.

Hoje, nos grandes centros urbanos, não há mais uma unidade ritual, há atitudes contrastadas diante da morte, por vezes, opostas. Os velórios perderam a carga emocional de outrora, as demonstrações de dor, na maioria das vezes, tornaram-se mais comedidas, não há recepções faustosas para os amigos e parentes, o ritual de morte adquiriu um caráter íntimo e privado. O padre não ocupa mais lugar de destaque na cerimônia, sua recomendação banalizou-se e muitas vezes não é necessária.

Para Ariès (1980), o ritual correspondia a uma tentativa de “doma” da morte, limitando-a a um cerimonial, mas em certas épocas a morte tornava-se selvagem, quando era percebida como violenta devido às epidemias, às guerras, ao crescimento da criminalidade, etc. Quando isso ocorria, a morte ganhava a cidade lembrando a fragilidade, a brevidade da vida e ainda todo horror associado à ela. Durante a peste negra, por exemplo, a pintura medieval trouxe imagens da morte violenta: a dança macabra (homem dançando de mãos dadas com um transido e com uma caveira, lembra os três estados da decomposição do corpo), as caveiras montadas em cavalos magros assolando as cidades, o transcorrer do tempo (uma caveira representando a morte segura a ampulheta).

A tentativa de dissimular a morte, característica da sociedade urbana contemporânea está provavelmente ligada a uma tentativa de doma da morte diferente da adotada nos rituais. É melhor viver como se a morte não existisse, mesmo estando ciente de sua inexorabilidade, do que lembrar o risco de viver. A dissimulação, contudo, não afasta a morte, revela sua difusão atenuada. Ela está nos desenhos animados, nos quais os personagens morrem inúmeras vezes mas nunca de modo definitivo*, nos filmes, nos quais uma rajada de metralhadora não é suficiente para matar; nos jogos eletrônicos, onde a morte indica a perda de pontos e o recomeço do jogo, etc.

O desprestígio dos rituais coincide com o fim do ‘monopólio’ da igreja sobre a morte. Desde o século XVIII, com os chamados ‘ladrões de cadáveres’ - dissecadores interessados nos mistérios do corpo humano - a ciência dava os primeiros passos para colocar-se como mediadora entre a vida e a morte, concomitantemente, a administração dos cemitérios passava aos poucos para as mãos do poder público mais preocupado com a higiene da cidade do que com a salvação da alma. Inicia-se, deste modo, o processo de laicização da morte. Livre da carga emocional e da moralidade cristã, as crenças que acompanham a morte - a crença na transmutação, no renascimento do morto, no encontro com os parentes no além - difundiram-se nos desenhos infantis, nos jogos eletrônicos, nos filmes, nos gibis, etc.

O fim do monopólio religioso da morte, se por um lado permitiu maior liberdade de atitudes diante da morte, por outro lado, fez com que a morte fosse subestimada. Vivemos como se a morte não fizesse parte da vida, como se a tecnologia contemporânea pudesse isolar o “mal”. A morte não interfere mais no cotidiano da sociedade, a não ser a morte dos artistas, consagrados pela mídia de massa, e das autoridades públicas mais conhecidas. Poucas as situações que lembram a nossa finitude. A morte tornou-se assunto exclusivo dos médicos, dos Coveiros e dos legistas do IML (Instituto Médico Legal), especialistas no assunto.

*No desenho “Papaléguas”, por exemplo, o “Coiote”, incansável em sua tentativa de caçar a ave “Papaléguas”, sofre inúmeras mortes dolorosas, porque suas emboscadas sempre fracassam voltando-se contra ele mesmo - cai em precipícios, é atropelado, bombas explodem em suas mãos. Mas, o “Coiote” sempre retorna da morte.

A tentativa de dar uma solução para o problema da morte, de atenuar seu impacto, revelador do poder inexorável da natureza e da pequenez humana, mesmo provida de todo o aparato tecnológico de nossa época, nunca é totalmente eficaz porque ocorre num plano imaginário, no plano dos desenhos animados, dos jogos eletrônicos, dos gibis. A morte, contudo, apresenta-se violenta nas cidades interferindo nos comportamentos pelo medo que desperta. A violência máxima é a morte.

Atualmente a criminalidade - como a peste negra do século XIV e as guerras mundiais - trouxe o sentimento de insegurança e o medo da morte para cidade. A violência urbana despertou a atenção por sua brutalidade e por sua frequência. Multiplicaram-se estudos nas universidades tentando encontrar suas prováveis causas e medir suas conseqüências. A violência foi analisada no contexto prisional, nas periferias e nos manicômios; motivou políticas sociais de segurança, mas não se conseguiu chegar a resultados satisfatórios. O medo ronda a cidade.

A violência apresenta-se também nas escolas, o que desperta o nosso interesse em saber como elas lidam com a violência e com a morte que ocupa o seu espaço. Como as violências são percebidas na escola? As escolas estão preparadas para lidar com a violência? Há uma pedagogia da morte nas escolas? São interrogações que sempre estiveram presentes ao longo da pesquisa que visa apreender como os atores na dinâmica interna da escola - alunos, professores, funcionários, orientadores pedagógicos e diretores - lidam com a violência e com a morte.

A pesquisa situou-se na zona sul da cidade de São Paulo, focalizando os bairros Jardim Ângela e Jardim São Luís, por quatro motivos principais: o Jardim Ângela é apontado pelos órgãos de pesquisa e pela mídia de um modo geral como o lugar onde há mais assassinatos na cidade, sendo que a maior parte das vítimas e dos autores são os adolescentes; o Jardim São Luís, seu vizinho, é o segundo bairro com maior número de homicídios de adolescentes, além disso, é neste bairro que se situa o Cemitério São Luiz, o maior da região -130.000 covas registradas, excluindo os enterros clandestinos de vítimas da criminalidade*- fato interessante quando se quer apreender o impacto da morte na

* Dados obtidos junto a Assessoria de Imprensa do Cemitério São Luiz.

região; em terceiro lugar as vítimas preferenciais desta violência são adolescentes* - a maioria com idade escolar; finalmente as escolas desta região têm servido de palco para as violências urbanas, as quais muitas vezes disseminam a morte.

Com o nosso trabalho esperamos propiciar a reflexão sobre as violências e a morte na cidade e no espaço escolar, visando a elaboração de pedagogias que contemplem estes temas.

* A psicologia considera a adolescência como sendo o período situado entre a infância e a idade adulta. Contudo, não há unanimidade quanto ao início e quanto ao término da adolescência. Da perspectiva biológica a adolescência pode ser caracterizada pelo aumento da atividade hormonal (testosterona, nos meninos e progesterona nas meninas) responsável por um aumento da energia corporal. Para efeito da nossa pesquisa consideramos adolescentes as pessoas entre 10 e 19 anos, período que se harmoniza com as definições

2 - Procedimentos Metodológicos

Nossa pesquisa iniciada em 1999, objetivou apreender o modo como a morte perpetrada pela violência urbana repercutia no cotidiano escolar. Antes de focalizarmos as escolas e o EGJ* - Espaço da gente Jovem - fizemos um breve estudo da violência, visando aprender suas origens e sua perpetuação na cidade. O que nos deu condições de compreender a violência no contexto escolar. Para chegarmos a esta compreensão, não obstante, tivemos que fazer um percurso do centro da cidade à zona sul, e só, então, entramos nas escolas, para tentarmos revelar como os alunos, os professores, os orientadores pedagógicos, os diretores e os demais funcionários posicionam-se em relação à ela. Considerando que as violências sempre podem promover a morte, tentamos apreender num movimento em outro sentido – das escolas para os bairros e destes para a cidade - como a morte é percebida nos universos pesquisados.

A pesquisa de campo, pelos motivos expostos acima, situou-se em algumas escolas públicas da zona sul da cidade de São Paulo e num EGJ da região, precisamente na Escola Municipal Oliveira Viana, localizada no Jardim Ângela*; na Escola Municipal Ana Silveira Pereira, localizada no Jardim São Luiz, e no EGJ, localizado no Jardim Nakamura - bairro pertencente ao distrito do Jardim Ângela.

Preliminarmente, fizemos o levantamento estatístico da ocorrência de violências e mortes entre e contra adolescentes na cidade de São Paulo e, especificamente na região pesquisada, junto às instituições de pesquisa e órgãos públicos da cidade de São Paulo. Lembramos que a nossa pesquisa é qualitativa e os recursos quantitativos empregados servem para dimensionar a amplitude estatística que a violência urbana assume nas escolas de periferia e até que ponto ela representa e dissemina a morte.

Os dados estatísticos, sobre a violência e a morte entre adolescentes foram buscados junto ao NEV-USP (Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo), às

psicológicas e com as pesquisas sobre a mortalidade em São Paulo realizada pelo NEV-USP (Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo).

* Os EGJs (Espaço da Gente Jovem) são centros de lazer para crianças e adolescentes mantidos pela Prefeitura da Cidade de São Paulo. Estes centros, muitas vezes, são administrados por Paróquias ou por organizações não governamentais as ONGS. O EGJ do Jardim Nakamura, no qual realizamos pesquisa, é administrado pela Paróquia dos Santos Mártires do Jardim Ângela.

* Ver no Anexo A, o mapa da Cidade de São Paulo com a localização do Jardim Ângela.

organizações não governamentais que atuam na região, como o CDHEP (Centro de Direitos Humanos e Educação Popular), à Assessoria de Imprensa do Cemitério Jardim São Luiz, à Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo e ao Ministério da Justiça.

Para apreender como as violências e a morte apresentam-se para os alunos, professores, e funcionários da escola - os atores na dinâmica interna da escola - estrategicamente decidimos oferecer oficinas de capacitação em vídeo para as escolas e o EGJ dos bairros que foram alvos preferenciais da pesquisa. Se de um lado a estratégia mostrou-se interessante para “entrar” na escola, permitindo apreender o que pretendíamos: a repercussão da morte e das violências no enfoque da pesquisa; de outro lado, essas oficinas permitiram a compreensão de uma narrativa por meio de imagens e capacitaram os envolvidos a construir suas respectivas narrativas cinematográficas que constituem importantes componentes da pesquisa, por permitirem apreender os discursos dos adolescentes sobre os temas focalizados.

Nossa inserção na comunidade ocorreu a partir da Paróquia dos Santos Mártires, localizada no Jardim Ângela. Toda a última sexta feira do mês realiza-se nesta Paróquia o Fórum em defesa da vida contra a violência. Durante a nossa participação neste fórum que congrega as escolas, as associações de moradores, os “EGJs” e as organizações não governamentais da zona sul da cidade - que atuam ligadas à paróquia na tentativa de oferecer possibilidades às pessoas vítimas de violências - descobrimos uma comunidade organizada, tentando buscar soluções para os seus problemas, na maioria das vezes sem o auxílio do Estado. Nossa participação mensal neste Fórum propiciou o contato com os diretores e coordenadores pedagógicos das escolas e dos “EGJs”, isto permitiu a apresentação da pesquisa e a sua realização nas escolas.

O título da pesquisa – Pedagogia da Morte - causou estranhamento entre os profissionais destes estabelecimentos, mesmo testemunhando a morte violenta em seu cotidiano profissional nunca haviam pensado na repercussão dela nos estudantes e na necessidade de alternativas pedagógicas à questão.

Como as escolas estavam em período de férias –final de 1999- decidimos iniciar a primeira oficina de vídeo no “EGJ” do Jd. Nakamura - pequeno bairro que faz parte do distrito do Jd. Angela. Apareceu, então, nosso primeiro problema: não tínhamos câmera para esta atividade. Conseguimos uma por meio de parceria com a Paróquia dos Santos

Mártires - em troca do nosso trabalho nas oficinas eles forneceriam o material para realizá-las - parceria interessante para a nossa pesquisa e para a Paróquia que ofereceria à comunidade um curso.

Com um grupo de quinze adolescentes começamos nosso trabalho no início de dezembro de 1999. Primeiro exibimos alguns filmes representativos para a história do cinema criados pelos irmãos Lumières, por G. Méliès e Chaplin. Estes filmes “rudimentares”, no que diz respeito à técnica, são úteis para explicar aos alunos o enquadramento ou o plano da cena, o roteiro, a iluminação, as trucagens, os gêneros, bem como para apresentar criações artísticas que revelam uma reflexão social, como “Tempos Modernos” de Chaplin. Após a exibição discutíamos o seu conteúdo e os procedimentos técnicos envolvidos na realização.

Posteriormente, os alunos começaram a manipular a câmera e a escrever os seus roteiros. Formados grupos para produzirem documentos audiovisuais, cada participante escolheu uma função – diretor, câmera, ator, roteirista, produtor...

Desta experiência surgiram os curtas metragens: “Promessa”, “Assassinos” e “O que é o EGJ”. Como o processo de criação foi livre, verificamos que a violência e a morte apareciam nos três filmes. O primeiro deles, “Promessa”, conta a história de um pai de família desempregado que fez uma promessa para conseguir emprego; como não consegue acaba morrendo de inanição no interior de uma igreja. “Assassinos”, traz a história de um grupo de jovens que, sem qualquer motivo aparente, invadem as casas e matam as pessoas. O terceiro conta o dia-dia no “EGJ”, por meio da história de alguns funcionários e de algumas crianças que freqüentam o espaço. Histórias, não raramente, marcadas por mortes violentas ou por ameaças de morte de parentes e amigos.

Esta primeira oficina serviu para revelar que a violência e a morte fazem parte do cotidiano destes jovens levando-os a reproduzir este cotidiano em seus filmes. Observamos, também, um posicionamento diante desta realidade, ao mesmo tempo em que há um temor da realidade violenta há também um fascínio por ela, pois em “Assassinos” os matadores afirmam-se socialmente através das mortes, o mesmo acontecendo em “O que é o EGJ.”, no qual as histórias, colhidas na forma de depoimentos de jovens e crianças que freqüentam este centro de lazer, trazem, muitas vezes, a morte violenta ou a ameaça de morte como resultado da valentia. Um dos garotos entrevistados, por exemplo, contou que vivia com a

mãe que trabalhava o dia todo, e que o “EGJ” lhe oferecia uma oportunidade de divertimento (jogava capoeira ali). Quando a menina que estava fazendo a entrevista perguntou sobre o seu pai ele disse: “meu pai fugiu daqui para não ser morto, só posso vê-lo quando vou a sua casa escondido”. O pai do garoto assassinou uma pessoa numa briga de bar, a vítima era protegida dos traficantes, o que lhe garantiu o reconhecimento por parte da comunidade e, ao mesmo tempo, uma jura de morte. Relato importante para nossa pesquisa por ilustrar um dos papéis da morte violenta na comunidade: definir os ‘bons’ e os ‘maus’. Os justiceiros, geralmente, são considerados benfeitores.

Terminada esta primeira oficina tínhamos em meados de fevereiro de 2000 outro grupo no mesmo “EGJ”. Um imprevisto, entretanto, nos fez mudar de planos. O “EGJ” no qual trabalhávamos foi assaltado e todo o material da oficina de vídeo, câmera, vídeo, televisão - pertencentes à Paróquia dos Santos Mártires - e as fitas com os curtas metragens foram furtados. Sem câmera não pudemos dar seqüência imediata a uma nova oficina.

Não conseguimos reaver o material furtado, pois mesmo ‘imaginando’ quem eram os ladrões, fomos aconselhados pelo diretor deste “EGJ” e pelo Orientador da pesquisa a não tomarmos atitude, uma vez que correríamos o risco de ter que abandonar a pesquisa – os supostos ladrões eram adolescentes que controlavam um ponto de venda de drogas na esquina do “EGJ”. Os filmes exibidos e as nossas filmagens provocaram interesse na comunidade, foram assistidos por várias pessoas, inclusive por moradores que não participavam da oficina, certamente foram apreciados. Por que, então, furtaram as fitas? Elas tinham apenas um valor simbólico. Mesmo a câmera, uma velha VHS mal conservada, não atrairia tanto interesse, principalmente de pessoas ligadas a uma atividade tão lucrativa como o tráfico de drogas. Acreditamos que o furto seja a marca do interesse pelo que foi apresentado: os filmes. A vontade de ver e fazer filmes revela, também, a falta de opções de lazer da comunidade e de espaços públicos que propiciem exposições cinematográficas e das demais artes - segundo a Administração Regional da Zona Sul da Cidade de São Paulo, nesta região existem apenas 46 Centros de Lazer da Juventude para atender uma população estimada em 1,5 milhões de habitantes.

Em março de 2000, soubemos que a Escola Municipal Oliveira Viana (conhecida na região por lidar com certo êxito com a violência urbana) tinha uma câmera. Fomos à escola e apresentamos o nosso projeto de pesquisa à Diretora e à Coordenadora pedagógica,

obtendo a permissão para realizarmos as oficinas de vídeo na escola durante todo o ano de 2000 - todas as terças feiras num intervalo de aula dos alunos das sétimas séries. Com uma turma de 13 alunos iniciamos, então, o curso de vídeo com os mesmos critérios estabelecidos no EGJ do Jardim Nakamura.

Nesta escola, além da realização das oficinas de vídeo, participei como professor, de um curso de redação pré-vestibular. Essas permitiram apreender a presença da violência no cotidiano escolar e a heterogeneidade dos universos sociais existente no bairro. A escola agrega estudantes oriundos de culturas e classes sociais diferentes, há estudantes que dispõem de conhecimentos interessantes de literatura, geografia e história, por exemplo, e que se expressam num português gramaticalmente correto, enquanto há estudantes que escrevem com dificuldade e não têm uma boa expressão verbal. O bairro todo do Jardim Ângela parece ser marcado por esta relação entre as diferenças. Quando olhamos sua geografia percebemos partes muito pobres, onde as casas amontoam-se numa arquitetura sufocante, enquanto há áreas mais amplas com casas mais bem estruturadas. Há, também, avenidas amplas bem pavimentadas, tomadas pelo comércio, enquanto algumas ruas são muito estreitas e têm um asfalto irregular. A violência urbana, entretanto, parece ser sentida como um problema pela maioria dos moradores do bairro independentemente do local onde moram ou da condição social.

Os dois curtas metragens produzidos nesta escola no ano de 2000 (“Quem é Oliveira Viana” e “Estigma”) distinguiram-se pela crítica sutil e, no caso do “Estigma” por abordar a violência pela perspectiva da discriminação.

“Quem é Oliveira Viana?” é um pequeno documentário no qual dois jovens estudantes da escola, inconformados por desconhecerem a origem do nome Oliveira Viana, saem pelos corredores e pátios perguntando: Quem é Oliveira Viana?

Este curta metragem é revelador, pois faz uma crítica sutil à educação, mostrando que a escola nem sempre satisfaz os jovens em suas inquietações básicas.

O segundo curta metragem “Estigma”, produzido por oito alunos - iniciado em agosto de 2000 e concluído em novembro deste mesmo ano - traz no roteiro a história de uma adolescente – Munique- que sabe que vai mudar para o Jardim Angela e por isso passa a sofrer pesadelos.

A participação como professor no curso de redação de um pré-vestibular da região, que funciona na Escola Municipal Oliveira Viana, mostrou-se como mais uma oportunidade para compreender as violências e a morte entre e contra adolescentes. Neste curso, colocamos os adolescentes em contato com textos – ficções, artigos, contos - abordando a violência e a morte. Num segundo momento, discutimos a forma e o conteúdo dos textos. Este diálogo propiciou a troca de perspectivas sobre o assunto e resultou em redações que nos permitiram compreender o universo dos jovens da região.

Na Escola Municipal Ana Silveira, localizada no Jardim São Luís – vizinha do Cemitério São Luiz - encontramos menos heterogeneidade entre os alunos no que diz respeito à formação escolar, mais limitada.

“O Regador Regado” produzido nesta escola, é um exemplo da sensibilidade artística dos alunos. Neste curta metragem recria-se o filme “O Regador Regado” dos Irmãos Lumières, utilizando como ator uma menina e como cenário o jardim da escola. “O Seqüestro do Professor” é crítico, violento e curto (3 minutos): na primeira cena o seqüestro do professor, em seguida o pedido de resgate, depois a execução, revelando o baixo valor da vida e o desprestígio social do professor. “Sexo”, realizado por doze estudantes da sétima série, mostra a curiosidade dos adolescentes por esse tema e, ao mesmo tempo, a dificuldade dos professores e dos orientadores pedagógicos de lidar com ele.

A realização de um documentário amplo e nucleado pelos temas violência, morte e escola, foi a forma encontrada para “socializar” os saberes produzidos durante a concretização da pesquisa. Não gostaríamos de ver nossa dissertação de mestrado entregue e permanecida em uma biblioteca, mas torná-la objeto de consulta para pesquisadores e outros interessados. Assim, o documentário, parte integrante da pesquisa, deverá circular entre as escolas e nelas promover debates sobre a questão que de uma maneira ou de outra parece constituir um problema enfrentado pela maioria.*

* O roteiro do documentário (iniciado em 2000 e agora em fase de edição), dirigido por Noel dos Santos Carvalho, mestre em multimeios pela Unicamp - Universidade Estadual de Campinas - baseou-se nesta pesquisa.. Ver resumo do roteiro no anexo B.

3 - Violência

Hoje há um grande interesse dos pesquisadores, dos políticos e da sociedade de um modo geral, em descobrir as origens da violência e, a partir disto, encontrar maneiras de atenuá-la ou até mesmo, para os mais ingênuos, de erradicá-la, como se erradicou o sarampo, a tuberculose, etc. A violência, por essa perspectiva, é vista como contagiosa, possível de ser transmitida de um indivíduo para o outro, por isso, é preciso salvaguardar a cidade, construir barreiras para evitar o mal, que vem de fora, das periferias dos centros urbanos, das florestas em torno das tribos, das montanhas distantes, etc. O medo da violência aproxima as cidades contemporâneas dos burgos medievais e das tribos primitivas. No mundo medieval, o medo promovia a construção de muralhas entorno das cidades, arqueiros e lanceiros vigiavam noite e dia os limites da cidade. Os primitivos erguiam barreiras espirituais para afastarem a violência, por meio dos rituais conseguiam reproduzir a violência fundadora dirigindo-a para a vítima expiatória e, deste modo, impedir a sua propagação destrutiva pela tribo.

A violência nunca é percebida como intrínseca à cidade, à tribo ou ao burgo, dissimula-se como um perigo externo contra o qual as barreiras são eficazes. Esta dissimulação da violência é uma condição para que o controle da violência tenha êxito, para que no interior da tribo ou da cidade possa existir paz. As ciências psíquicas ao apresentarem a violência como patologia, como um desvio do caráter, como possível de ser isolada, por meio de um limite tranquilizador entre a sanidade e a insanidade, - limite que Machado de Assis mostrou ser muito tênue em “O Alienista” - participa desta dissimulação acreditando revelar a violência. É claro que estas ciências podem ser eficazes em detectar e tratar casos individuais de psicoses, neuroses, esquizofrenias, etc, que podem promover a violência, mas falham por não perceberem a presença da violência no interior da cidade, a violência fundadora de uma ordem cultural que não pode ser apreendida pelas definições de sano e de insano, de normal e de anormal. As ciências humanas quando analisam a violência de outros povos, de outras épocas e das periferias das grandes cidades, também participam desta dissimulação, pois a violência mostra-se sempre no outro, no externo ou numa época distante e não em seu aspecto central e fundador.

Faz-se necessário, portanto, compreendermos a violência interna à tribo e à cidade e os mecanismos de controle desta violência. Girard, em seu trabalho “A violência e o sagrado”¹ desvenda o aspecto centrífugo da violência e o mecanismo religioso da vítima expiatória capaz de canalizar a violência para um alvo comum impedindo que ela se alastre destruindo a cidade ou a tribo.

A violência desencadeia-se a partir de três fatores sequenciais: a identidade com um modelo, o desejo mimético que imita o desejo modelo e a rivalidade. A identidade anulará as diferenças e promoverá o desejo mimético, num primeiro momento este desejo recai sobre um objeto – que numa leitura psicanalítica pode ser a mãe, mas não necessariamente, pois pode ser também o poder político ou econômico, o reconhecimento social, etc - mais tarde a rivalidade e a disputa não precisarão mais de um substrato material, alimentar-se-ão a si mesmas por meio da simetria das ações violentas. A ação de um dos contentores motivará a reação do outro em sentido contrário e assim por diante. A violência que começa com dois irá fatalmente se reproduzir por toda a sociedade, numa série de vinganças conduzindo-a para a destruição. Deste modo, não é estranha a associação da violência com a epidemia, ambas são contagiosas: aqueles que tomam contato com qualquer uma das duas tornam-se impuros e, portanto, perigosos.

O sacrifício apresentar-se-á como o mecanismo religioso adequado para controlar e canalizar a violência numa única direção, a da vítima expiatória. A unanimidade violenta contra a vítima expiatória funda uma ordem cultural purificada pelo restabelecimento da diferença entre o bem e o mal, o saudável e o doentio, o sano e o insano, etc. A vítima expiatória simbolizará o mal, sua escolha, portanto, deve adequar-se a este propósito sem deixar que os homens descubram o artifício religioso utilizado para se perceber a violência como exterior a eles e a sociedade. Assim, a vítima expiatória deve congrega qualidades que a coloquem numa situação de marginalidade, ou seja, ela sempre estará no limiar da sociabilidade. Ao mesmo tempo em que deve ser identificada como portadora dos males, não pode ser considerada como membro da sociedade, o que fatalmente provocaria a reciprocidade violenta perpetuada pelo ciclo de vinganças.

Neste sentido é interessante a definição da vítima expiatória:

¹ Girard, René, A violência e o sagrado, ed. Paz e Terra/Unesp, São Paulo 1990.

Não é preciso refletir muito sobre as categorias sociais e o gênero de indivíduos que fornecem seu contingente de vítimas a ritos como o do pharmakós – vagabundos miseráveis, enfermos, estrangeiros, etc..”²*

A vítima expiatória introduz a diferença num contexto de violência generalizada. O mal localizado e isolado não comprometerá mais a fundação de uma nova ordem social. Os ritos sacrificiais posteriores ao sacrifício fundador servirão para lembrar o risco da violência, irrigando com o sangue puro da vítima expiatória uma sociedade que se degenera - nem sempre a vítima expiatória é humana ela pode ser um boi, um bode, uma galinha, desde que este animal seja identificado como pertencente à tribo, condição para que ele possa expiar o mal.

Se as análises de Girard recaem sobre o mundo primitivo e sobre as tragédias gregas que revelam um período de transição entre uma ordem religiosa arcaica e uma ordem estatal e judiciária que vai sucedê-la, seria interessante, para refletirmos sobre a violência urbana, localizarmos resquícios do rito sacrificial em nossa sociedade.

Considerando que o Estado moderno detém o monopólio da violência, estabelecendo um pólo diferenciado que promoverá o equilíbrio social, julgando as contendas e impedindo, deste modo, que a violência generalize-se por meio do ciclo das vinganças, podemos refletir sobre uma dimensão da violência que não é ajuizada pelo Estado ou só tardiamente sofre a ação estatal.

* *pharmakós*: em grego clássico significa o veneno e seu antídoto, o mal e seu remédio ou qualquer substância capaz de exercer uma ação muito favorável ou muito desfavorável.

² Op. cit. p. 309.

3.1 - Violência da cidade

A idéia de evolução parece ter obstruído uma compreensão mais ampla das sociedades contemporâneas, uma vez que estabelece um fosso entre elas e as sociedades primitivas. Os desenvolvimentos econômicos, tecnológicos e sociais, facilmente nos seduzem não deixando entrever conformações primitivas do moderno. No interior das grandes cidades encontramos o que Maffesoli chama de tribos da pós-modernidade.

*“Diremos brevemente, as massas que se dividem em tribos ou as tribos que se agregam em massa, tal encantamento tem por cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum”³.**

As tribos contêm uma moral própria, que se aproxima e se distancia da moral social, em algumas os “laços de sangue” estruturam e mantêm o grupo.

Na Máfia italiana, a união é mantida pela cumplicidade mútua, ou seja, cada membro da família deve cometer um assassinato que seja do conhecimento dos demais, o que garante, de certa forma, a fidelidade ao grupo. O segredo é um aspecto importante da tribo, ele estabelece o limite da tribo, distingue-a para os seus membros. Na periferia das grandes cidades, o chamado “código do silêncio,” usado para proteger traficantes e assassinos, é um mecanismo de configuração de uma tribo, aqueles que sabem tornam-se parte dela por meio do segredo.

O mecanismo sacrificial parece operar nestas tribos urbanas ou pós-modernas, pois a coesão do grupo é mantida por meio dos assassinatos daqueles que transgrediram as leis internas da tribo - delatores, sonegadores, indisciplinados, etc - e por isso passaram a ocupar uma posição marginal no grupo análoga a do *pharmakós*. A busca de uma vítima expiatória garantirá mais uma vez a ordem interna à tribo. As tribos que se agregam constituindo a sociedade precisam, do mesmo modo, canalizar a violência interna para um bode expiatório*. Quando se trata de nações, uma nação estrangeira pode servir de bode expiatório para outra. Durante a guerra fria, por exemplo, os soviéticos eram simbolicamente “demonizados” e sacrificados nos filmes americanos feitos neste período. Mais tarde, os traficantes colombianos ganhariam este papel e, atualmente, os muçulmanos.

³ Maffesoli, Michel, *Le temps des tribus*, ed. Meridiens Klincksieck, Paris, 1988, pág. 44.

* MT, Minha tradução.

Nos filmes, como na tragédia grega – Édipo Rei e Édipo em Colona – a vítima expiatória congrega tanto o mal quanto o bem, deste modo, entre os soviéticos havia sempre uma bela dissidente disposta a salvar os agentes secretos da Cia.

Quando não há conflito externo, e, por isso, falta o estrangeiro necessário para incorporar o papel do bode expiatório, é preciso canalizar a violência para algum elemento marginal à cidade. No caso brasileiro, a mídia de massa, principalmente, adquire aura de sacerdote apontando o mal que precisa ser eliminado para purificar a cidade. Curioso notar que do mesmo modo que o sacerdote não se via como instrumento religioso capaz de restabelecer a ordem e a coesão social, a mídia não se dá conta de seu papel – apontar as vítimas expiatórias - que contém algo análogo ao do sacerdote no mundo primitivo.

Uma cidade como São Paulo, formada por inúmeras tribos, precisará de bodes expiatórios e reproduzirá o mecanismo do sacrifício. Focalizemos, então, esta cidade na tentativa de apreendermos o modo como opera este mecanismo fazendo da violência dirigida um instrumento ordenador.

Um plano geral da cidade nos revela um aglomerado de prédios no meio dos quais um movimento frenético de inúmeros carros e pessoas em todas as direções produzem a idéia de dispersão e de individualidade. Um plano partindo das ruas desfaz a nossa primeira impressão. No coração econômico da cidade - Avenida Paulista e adjacências – perceberemos uma uniformidade na vestimenta e no gestual de certas pessoas. Homens de gravata e paletós bem gomados, portando pastas em couro, andam apressados com passos largos e decididos. Seus rostos, não raramente, exprimem preocupação. Sorriem geralmente quando estão nos cafés, encontrados ao longo de toda a avenida. Estes lugares são utilizados para encontros durante o intervalo do almoço, onde estes homens, por alguns minutos, voltam-se para os assuntos mais simples da existência, o time de futebol, os namoros, as comidas preferidas, etc. Neste mesmo espaço, observamos lindas mulheres maquiadas de modo sóbrio, com vestidos levemente decotados ou calças justas feitas com tecido sedoso. Andam de modo apressado com semblante sério, porém menos preocupado que os homens. Este grupo de pessoas caracterizado por um tipo de vestimenta, por um tipo de comportamento e por interesses comuns são os executivos que trabalham nos escritórios

* O termo denota o uso simbólico de animais como vítimas expiatórias

e bancos da cidade. Os motoboys*, vêm da periferia para o centro da cidade ganhar a vida fazendo entregas sobre velhas motocicletas. Interessante notar a fidelidade que une este grupo, um acidente de trânsito envolvendo um motoboy mobiliza todos os outros que estiverem passando pelo local. O veículo “culpado”, segundo os motoqueiros, é cercado e pode ser depredado, seu ocupante pode sofrer agressões.

Durante a noite novos grupos podem ser encontrados, o dos ciclistas noturnos que colore a cidade com suas roupas reluzentes, o dos dançarinos de rua que se encontram nas estações de Metro, etc. Cada grupo deste pode ser considerado uma tribo urbana unida por interesses e sensibilidades comuns.

Elas dividem o mesmo espaço urbano e por vezes há um intercâmbio de membros entre elas, entre os ciclistas noturnos pode haver executivos, há motoboys que são dançarinos de rua, etc. As hierarquias, internas a cada tribo, garantem a ordem, mas, quando há ameaça à esta ordem o mecanismo da vítima expiatória entra em ação restabelecendo o equilíbrio do grupo. Não é sempre que a vítima expiatória é literalmente sacrificada, como no caso da máfia e dos traficantes, há, na maioria das vezes, o sacrifício simbólico. O indivíduo marginalizado, por não corresponder às expectativas ou por transgredir a moral interna da tribo, passa a ser considerado a causa de todos os problemas, por fim é expulso ou excluído. Executivos, quando falem, transformam-se num contra exemplo, perdem a credibilidade no mercado e curiosamente, no convívio social, por isso são evitados. A falta de habilidade motora do dançarino de rua motiva toda espécie de “gozações” e injúrias, levando-o a uma situação de marginalidade e, posteriormente, à exclusão.

Se cada tribo tem seus próprios bodes expiatórios, a massa proveniente da agregação das tribos, como uma grande tribo, precisará eleger os seus. Se a mídia de massa terá papel preponderante na localização da vítima expiatória, um contexto social e político específico faz-se necessário, para que seja possível a escolha da vítima expiatória.. É preciso um caos social ou a ausência de normas de convivência estabelecidas pelo Estado. Quando o Estado não cumpre ou cumpre de maneira ineficiente sua função, formas mais arcaicas de convivência são buscadas para ordenar a cidade.

* Ver o termo motoboy no glossário.

3.2 - A ausência do Estado

A morte do Presidente Tancredo Neves, o impeachment do presidente Fernando Collor - ambos vistos pela população como os salvadores da pátria: o primeiro por restabelecer um Estado democrático após cerca de vinte anos de ditadura e o segundo por se apresentar como o homem que restabeleceria a justiça social, “o caçador de marajás” - o fracasso dos planos econômicos (Plano Cruzado de 1986 e Plano Cruzado Novo 1990), a persistência da inflação, em torno de 100% ao ano neste período, a redução do poder aquisitivo da população e a conseqüente crise de empregos, somados ao aumento da criminalidade nos grandes centros urbanos, criaram o sentimento de insegurança na população e o medo de um caos social.

O Plano real de 1994 restabeleceria as esperanças, por um breve período acreditou-se que a conversibilidade da moeda em dólar e o controle da inflação seriam suficientes para promover a prosperidade da população. Percebeu-se mais tarde, que mudanças econômicas mais abrangentes deveriam ser adotadas para se efetivar a justiça social – medidas relacionadas, por exemplo, à reforma tributária. O tributo deveria ser cobrado principalmente sobre a riqueza e não sobre os salários. Hoje 56% dos impostos recaem sobre a mercadoria, fazendo com que nas compras, pobres e ricos paguem proporcionalmente os mesmos impostos. Além disso, cerca de 24% dos impostos tributam os salários e não a renda, contribuindo ainda mais para livrar os mais ricos de uma carga tributária maior. Os cerca de 19% dos impostos restantes referem-se ao IPTU (Imposto de tributação urbana), IPVA (imposto sobre veículos automotivos), e outros - dados obtidos junto ao IBGE*.

A partir de 1994 intensificou-se o processo de privatização dos serviços públicos provocando o aumento das tarifas destes serviços, o que repercutiu num aumento do custo de vida – privatizou-se por exemplo, a telefonia e as companhias de eletricidade.

A corrupção e o desvio de verbas no governo envolvendo juízes, parlamentares, governadores, prefeitos, etc, passou a ser noticiada com mais freqüência pela mídia na década de noventa. A impunidade destes crimes também, estimularam as ações violentas em

* Ver o endereço eletrônico do IBGE na bibliografia

todo o país, pois revelavam a ausência de um poder judiciário capaz de estabelecer uma regra de conduta válida para todos*.

Se o Estado que herda da religião a função de estabelecer a distinção entre o “bem” e o “mal” mostra-se contaminado pela indiferenciação, a perda desta função pode acarretar efeitos análogos ao da crise sacrificial, ou seja, a violência pode generalizar-se até colocar a sociedade numa situação limite, na qual somente o sacrifício fundador pode restabelecer o equilíbrio.

Embora o Estado Brasileiro não tenha chegado a este caso limite, percebemos que não consegue servir efetivamente de parâmetro para a sociedade, nem arbitrar os conflitos. Não é incomum as pessoas dizerem “os políticos são todos ladrões”, “todos roubam quando entram para a política”, “a justiça só existe para os pobres”, “rico não vai para a cadeia”, etc. Frases deste tipo revelam a contaminação do Estado pelo “mal”, o que abre caminho para a proliferação da violência. Se o “mal” não é sacrificado, então, cada um deve combatê-lo por si mesmo para sobreviver. A população se arma, os traficantes passam a controlar partes da cidade, os ricos contratam seguranças e blindam seus carros, os condomínios fechados multiplicam-se e as relações tornam-se mais difíceis – nas grandes cidades muitas pessoas não conhecem sequer os seus vizinhos. A violência torna-se privada. Instaura-se a reciprocidade violenta inicialmente no plano dos gestos e dos discursos, podendo efetivar-se nos assassinatos, nos linchamentos, nos seqüestros, etc.

Quando não há um poder capaz de estabelecer e manter a diferença entre o bem e o mal se instaura por conseguinte, as reciprocidades violentas. Com isto não queremos afirmar que os comportamentos agressivos proviriam de um instinto filogeneticamente programado, aguardando a ocasião propícia para exprimir-se (Lorenz 1986). Se no homem houvesse tal instinto haveria do mesmo modo, mecanismos instintivos de inibição da agressividade – na maioria dos animais a agressividade raramente provoca a morte e os conflitos muitas vezes nem sequer chegam a ocorrer, pois a exposição de presas, o inchaço da superfície corporal, os gritos, etc, são suficientes para estabelecer o domínio do mais forte (Johnson 1979).

Na cidade a “desordem” será a principal causa da violência e o mecanismo da vítima expiatória funcionará às expensas do poder estatal numa tentativa de preservação da

* Ver na bibliografia a indicação de textos e sites sobre a realidade brasileira.

ordem cultural. A tribo urbana não irá prescindir da vítima expiatória, localizada na população pobre e marginalizada das periferias.

Não é estranha portanto, a atitude da mídia de massa da cidade de São Paulo que aponta a periferia como “o lugar mais violento do mundo”, como “o celeiro de marginais”. A zona sul, especificamente, tem além destes atributos o de “triângulo da morte”.

3.3 - Rumor à zona sul

Não é por acaso que a zona sul da cidade de São Paulo recebe estes atributos, sua posição geográfica e a condição econômica da população que a habita corroboram para a construção de um tipo social negativo.

Ao sairmos do centro da cidade – região que se estende da Praça da República, até a praça da Sé e dali até a Avenida Paulista – podemos perceber as transformações do cenário urbano. Descendo pela Avenida Rebouças rumo a marginal do rio Pinheiros, os altos prédios de escritório sucedem-se encobrendo todo o horizonte, executivos, office-boys e sensuais secretárias transitam freneticamente pelas calçadas. Na avenida, carros, caminhões, ônibus, motoboys, ambulâncias, etc, disputam o espaço com manobras alucinantes. Após alguns quilômetros, finalmente, atravessamos o rio Pinheiro para pegarmos o contorno que segue em direção à zona sul acompanhando a margem deste rio no sentido da cabeceira. Na margem esquerda do rio, avistamos prédios de escritórios e de sedes empresariais muito mais imponentes do que os encontrados nas proximidades do coração econômico da cidade – Avenida Paulista. São construções mais novas com arquitetura mais arrojada. Do lado direito, avistamos algumas mansões e placas que indicam saídas para o bairro Morumbi. Algum quilômetro adiante, neste mesmo lado, nos deparamos com o Projeto Panamby, mega projeto urbanístico destinado a fornecer moradia para as pessoas de alto poder aquisitivo - talvez os executivos que trabalham nos escritórios e empresas situados do outro lado do rio. Da estrada, nos surpreendemos com o grande e belo bosque de mata nativa pertencente ao Parque Burle Max, na entrada do Panamby. Cerca de mil metros à frente, a margem esquerda sofre uma mudança drástica ao mesmo tempo em que as placas indicam Monte Azul, Capão Redondo, Jardim São Luís e Jardim Ângela. As casas amplas do Projeto Panamby ficaram para trás, agora centenas de pequenas casas aglomeram-se nas encostas do morro. Do lado esquerdo do rio a paisagem não se alterou tanto, avistamos o Credicard Hall e um luxuoso hotel.

Passamos a avenida João Dias – perpendicular ao rio - e avistamos o último prédio que nos lembra o percurso que fizemos, o Centro Empresarial. Pegamos a avenida M. Boi Mirim que nos conduzirá ao Jardim Ângela. Nesta avenida, podemos observar lojas e supermercados e alguns prédios simples, mas bem construídos. Estamos numa região de

mananciais – a represa do Guarapiranga, que sede água para uma parte da cidade de São Paulo está bem próxima - e portanto, numa área de proteção ambiental. Não vemos, contudo, espaços verdes de proteção e de lazer, com exceção do reduzido Parque do Guarapiranga.

Fora da grande avenida, que entra zona sul adentro, as ruas tornam-se estreitas e sinuosas, o asfalto irregular. As casas muitas vezes são separadas apenas por uma viela que também serve para o escoamento da água. São raros os espaços arejados propícios à convivência e ao lazer.

Nas ruas sinuosas não é raro encontrarmos grupos de jovens – a maioria afro-brasileiros - sentados na calçada conversando, fumando cigarro ou, as vezes, maconha. Quem são eles? São jovens desempregados, pessoas entre 15 e 21 anos em média que não conseguem trabalho por falta de qualificação profissional e por conta da crise de empregos enfrentada pelo país – muitos não chegaram a terminar a escola.

Este fato nos ajuda a entender porque é grande o número de jovens desta região envolvidos com a criminalidade* e, especialmente com o tráfico de drogas. O tráfico como qualquer outra indústria procura mão de obra barata e abundante, facilmente seduzida com propostas de “altos” salários. Este trabalho permite comprar roupas novas, celulares, aparelhos de som, etc, objetos de desejo da maioria dos adolescentes urbanos. A posse destes objetos confere para eles o mesmo tipo de reconhecimento social que a posse de um Lamborgni para a um alto executivo.

A morte violenta destes jovens pode ser considerada um acidente de trabalho, do mesmo modo que acidentes vitimam os pedreiros nas construções ou os operários numa indústria. A cidade, por meio da mídia, precisa, entretanto, divulgar ostensivamente estas mortes para que elas sirvam de instrumento de manutenção da ordem. É um pouco do mal que morre com cada jovem traficante, com cada bandido.

Esta leitura permite compreender que a violência, embora seja um problema social, não provém de uma condição sócio-econômica desfavorável como a maioria dos políticos, de esquerda ou de direita, quer nos fazer acreditar. Se a Ford, por exemplo, ao invés de ter se instalado na Bahia, por causa de incentivos fiscais, tivesse se instalado no Jardim Ângela

* Ver no anexo C a distribuição dos adolescentes infratores, segundo o sexo, cor, idade, naturalidade, escolaridade e inserção no mercado de trabalho no Município de São Paulo- 1988-91 e 1993-96.

e oferecesse empregos com “bons” salários para os jovens, seria mais difícil para indústria do tráfico recrutar funcionários.

Precisamos desmistificar posturas sociológicas, políticas e religiosas que tentam vincular a violência a um espaço ou a um grupo de pessoas, colocando em funcionamento o mecanismo da marginalização, produzindo *pharmakós*. Os jovens da zona sul não são mais nem menos violentos do que os jovens do Alphaville*, que dirigem em alta velocidade seus carros importados. Apenas o uso social da imagem destes jovens é diferente. A violência da cidade é canalizada na direção dos marginalizados e saciada com a morte deles. Os 111 presos mortos no Presídio do Carandiru em 1992, exemplificam o uso da morte dos marginalizados para apaziguar a cidade. A maior parte da população de São Paulo foi favorável ao massacre, mostrando-se satisfeita com a ação da tropa de choque da polícia. Os homens presos foram marcados pelo poder judiciário como transgressores, como Édipos contemporâneos carregavam todos os males sociais que deveriam ser sacrificados. O sacrifício trouxe, por algum tempo, a paz para a cidade, pois “bandido bom é bandido morto”.

O judiciário e a mídia não são os únicos a apontarem e marcarem os bodes expiatórios, a psicologia, a sociologia, a pedagogia, a igreja, etc, por mais bem intencionados e honestos que sejam os seus representantes, às vezes funcionam como “produtores de vítimas expiatórias” ao localizarem o desfavorecido, o carente, o doente, o violento.

Localização que gera vítimas expiatórias quando o Estado é ineficiente para estabelecer a justiça.

As escolas da zona sul, focos da nossa pesquisa, sofrem com a violência urbana - são depredadas, furtadas, os professores e funcionários são agredidos, seus alunos são assassinatos - e muitas vezes, buscam vítimas expiatórias para compreenderem e lidarem com a violência escolar.

* Alphaville é um bairro de classe alta existente na grande São Paulo.

3.4 - Escolas da zona sul

Continuando o percurso pelo Jardim Ângela, saindo pelo lado esquerdo da avenida principal, que se perde zona sul adentro, pegamos uma rua sinuosa, estreita e cheia de buracos, onde passam carros caminhões, ônibus e motocicletas num movimento desordenado. Após três quadras viramos a direita e chegamos a Escola Municipal Oliveira Viana, uma escola famosa na cidade por suas propostas pedagógicas avançadas e pela dedicação de seu corpo docente.

Quando entramos na escola tomamos um choque. Saímos de um cenário cinzento, com a maior parte das casas exprimidas uma nas outras, com poucas árvores nas ruas e entramos num espaço arborizado e colorido, com paredes decoradas com reproduções de quadros de Tarsila do Amaral, de Salvador Dali e de Munch. Rapidamente um funcionário da escola nos explica que as pinturas foram feitas por adolescentes que participaram de um curso de história da arte oferecido pela escola.

Os funcionários da escola nos confundiram com vendedores de livros por causa de nossas bolsas pesadas. Desfazemos o equívoco e nos apresentamos para a Diretora e para a Coordenadora Pedagógica. Ambas se interessaram pela pesquisa, sobretudo pelo fato de estarmos oferecendo oficinas de vídeo que preencheriam o horário dos alunos com uma atividade considerada interessante. Estas oficinas constituíram uma estratégia de pesquisa, adotada para que pudéssemos entrar nas escolas e fazer uma pesquisa qualitativa. A análise dos filmes feitos pelos adolescentes nos forneceu, por meio do discurso cinematográfico, as representações da violência e da morte entre estes jovens.

Durante o ano de 2000, realizamos duas oficinas de vídeo nesta escola o que nos possibilitou participar do cotidiano escolar, conviver com os alunos, com os professores e com os funcionários da escola. As oficinas iniciavam-se com a exibição de filmes que deram origem ao cinema – filmes dos irmãos Lumières, de George Méliés e de Chaplin. Estes filmes foram úteis para que os alunos compreendessem uma narrativa cinematográfica e as diferentes funções requeridas na construção desta narrativa – roteirista, câmera, diretor, produtor, etc.

Após uma breve introdução técnica – sobre o uso da câmera, sobre os planos de filmagem, sobre as possibilidades de realização de certos roteiros – os participantes da primeira oficina começaram a trabalhar na construção de um filme.

O resultado foi o curta metragem “Quem é Oliveira Viana” que conta a história de dois jovens estudantes que inconformados por desconhecerem a origem do nome da escola, decidem investigar Quem é Oliveira Viana?

A investigação dos dois meninos tenta colher provas que possam levar até Oliveira Viana. Nas salas de aula, nos banheiros, no laboratório de ciências, na sala dos professores, na biblioteca, nada. Não há pistas. A alternativa encontrada para esta situação foi submeter os professores, os funcionários, a diretora e a coordenadora pedagógica a um interrogatório. Quem é Oliveira Viana?

Quase ninguém soube responder, as poucas repostas foram evasivas e inconsistentes. A investigação foi um fracasso? Felizmente o sobrenatural interveio para fornecer a informação tão desejada. Numa sessão espírita a bola de cristal diz afinal quem é Oliveira Viana.

Este curta metragem poderia ser considerado apenas criativo e bem humorado, se não nos mostrasse algo que nosso envolvimento com o cotidiano escolar já nos possibilitava entrever. A pergunta: Quem é Oliveira Viana? desdobra-se em outras: O que é a escola? Para que ela serve? Na perspectiva destes adolescentes os mortos são mais úteis que a escola. Como o conhecimento oferecido pela escola não é suficiente para possibilitar a aquisição de um emprego e a melhora de vida de um modo geral, propiciando maior capacidade de consumo, há um certo questionamento da função da escola por parte dos alunos, que a vêem como instrumento de marginalização. No papel de professor de redação, num pré-vestibular no Jardim Ângela, a maior parte dos alunos atribuía à má formação escolar – pública - o fracasso social caracterizado pela impossibilidade de cursar uma universidade, o que representa para eles, uma possibilidade de ascensão social. Percebemos o choque entre a representação cultural da função da escola: capacitar “para adquirir um trabalho”, com a realidade social, na qual os empregos escassearam-se.

A mudança no papel social da escola, começou a partir de 1973 com a crise econômica deflagrada pelo aumento do preço do barril de petróleo. Com a retração da atividade industrial dependente desta fonte de energia, aos poucos foram diminuindo as

garantias de emprego, mesmo para aqueles que freqüentaram a escola. Além disso, o desenvolvimento tecnológico iniciado na “Era de ouro”*, acentuando-se sempre; foi tão veloz que fez com que a escola se tornasse obsoleta, uma vez que não conseguia incorporar em seus conteúdos este desenvolvimento.

As depredações escolares, as agressões contra professores, a violência escolar de um modo geral não apresentar-se-ia como reação ao empobrecimento e à marginalização perpetrados por uma sociedade injusta? A escola pública torna-se o alvo, pois, no plano das representações, oriundas principalmente da família, nela depositou-se as mais doces esperanças que foram traídas, não por culpa da escola – ela não é a alavanca das mudanças sociais - mas por causa de um modelo de desenvolvimento sócio-econômico incapaz de promover o equilíbrio social.

A violência na escola motivada pela “frustração” dos alunos e da comunidade, resultará no policiamento armado do espaço escolar, na elevação dos muros, na colocação de grades nas janelas, na blindagem dos portões da escola. A violência, dissimular-se-á numa ameaça externa que não diz respeito às relações entre os atores na dinâmica interna à escola - os alunos, os professores, o coordenador pedagógico, o diretor, os funcionários e os pais dos alunos. Mais uma vez, instaura-se a reciprocidade violenta entre os alunos, a escola e a comunidade onde ela está inscrita.

O curta metragem “O seqüestro do professor”, feito na Escola Municipal Ana Silveira Pereira - localizada no Jardim São Luís - é surpreendentemente revelador desta reciprocidade. No filme, um grupo de cinco adolescentes seqüestra um professor, ligam para escola e pedem o resgate. A escola recusa-se a pagar, o professor é executado. Além de mostrar que para os adolescentes viver ou morrer faz parte de um negócio, este filme expõe a deterioração das relações entre alunos e professores, alunos e escola, professores e escola e, conseqüentemente, a deterioração da relação de conhecimento.

“Não é culpa da escola, eles que não querem estudar”, “Os alunos problemas dificultam o nosso trabalho”, “Viram traficantes porque não querem estudar”, “Eu quero a polícia na escola vinte e oito horas por dia, porque não posso expor a vida dos professores”, “A degeneração da família faz o jovem procurar as drogas e a prostituição”... Nos seus

* “Era de Ouro” ou os “Anos Dourados” ou ainda “Anos Gloriosos”, período situado entre a década de 50 e o início da de 70, marcado pelo grande crescimento econômico da maior parte das nações que não enfrentavam guerras.

discursos, os professores, os diretores, os orientadores pedagógicos e os funcionários da escola tentam encontrar os responsáveis pela violência escolar. Como na cidade, a violência das relações internas- mesmo que apareça nos curtas metragens – nunca é decifrada.

A cidade localiza suas vítimas expiatórias nas periferias, que por sua vez, precisará de alguém para ser depositário da violência que deve ser eliminada. As bonecas russas - balalaicas, numa série de uma dentro da outra - fornecem uma imagem interessante para compreendermos o mecanismo de localização das vítimas expiatórias, é como se da boneca central para a mais exterior, na zona de contato entre duas bonecas, estivessem as potenciais vítimas expiatórias.

O caminho inverso também pode ser trilhado, da boneca mais exterior para a boneca central, dependendo de qual boneca se parte e da direção tomada. Algumas letras de hip-hop*, música muito ouvida por adolescentes da zona sul, apontam os “plays”* como os responsáveis pela situação sócio-econômica das pessoas que vivem na periferia, por isso, devem ser marginalizados e mortos. Os jovens da periferia sentem o estigma e reagem a ele.

“Estigma”, foi o segundo curta metragem produzido por alunos da Escola Oliveira Viana. Ele conta a história de uma adolescente – Munique - que sabe que vai se mudar para o Jardim Ângela e, por isso, passa a sofrer pesadelos. Depois que muda, conhece um garoto que lhe mostra aquilo que o bairro tem de bom – alguns espaços e atividades de lazer e aprendizado para a juventude como o Timbalata, o Clube da Turma, a fanfarra. O título “Estigma” é significativo pois mostra o quanto é incomodo viver numa região conhecida como o lugar mais violento do mundo, como o triângulo da morte - termo cunhado pela mídia de massa. A história revela que o bem, o não violento, sempre se encontra no lugar onde se está, o mal está fora, no outro. Munique, depois que muda para o bairro, adota outra perspectiva, o que antes era visto como um lugar perigoso torna-se aprazível e o mal está naqueles que estigmatizam o bairro.

Este mecanismo de localização e sacrifício das vítimas expiatórias gera a reciprocidade violenta entre o centro e as periferias da cidade, entre a escola e a sua clientela, disseminando a morte de ambos os lados, o que contribui para o aumento das

* Ver mais a respeito do hip-hop no glossário.

* Ver sobre “plays” no glossário.

intransigências e da agressividade. Na cidade, a violência contra os marginalizados é tacitamente aprovada. Quando um adolescente ligado ao tráfico é morto, quando bandidos morrem em confronto com a polícia, ou quando rebeliões nos presídios são controladas com mortes, por mais pudor que os cidadãos tenham, geralmente, não conseguem deixar de concordar com tais feitos, atenuando psicologicamente a vontade de sangue com a crença de que “a violência foi um mal necessário”, “quem se dedica ao crime sabe o risco que está correndo”, “a polícia não tinha outra escolha, era matar ou morrer”, “não há recuperação para bandidos perigosos”...

Na direção da periferia para o centro da cidade, ocorre algo parecido, os considerados economicamente mais abastados são representados como perigosos, como os causadores de todos os problemas socioeconômicos do país, por isso, devem ser eliminados. Os manos* não podem matar uns aos outros, devem se unir para atacar a origem de todo o mal e, deste modo, propiciar a redenção dos oprimidos. Neste tipo de mensagem encontrada nas músicas ouvidas por adolescentes da periferia – o Rap* - e nos discursos de jovens da zona sul, percebemos a influência do pensamento revolucionário de esquerda na fabricação das vítimas expiatórias. A morte de um “play” não é sentida como trágica, faz parte da lógica de uma guerra que opõe a periferia ao centro da cidade.

A violência é combatida com violência, o que é dramático, pois não permite alternativas para se romper esta reciprocidade.

A busca de vítimas expiatórias na periferia ou na periferia das periferias ou, ainda, no centro da cidade, acaba por gerar a reciprocidade violenta na cidade como um todo. O Estado que por meio do poder judiciário poderia estabelecer a diferenciação entre o bem e o mal rompendo esta reciprocidade, apresenta-se como dissemos acima, conspurcado, ao invés de evitar a violência contribui com ela, com a parcialidade de sua justiça e com sua inoperância, quando se trata de fazer cumprir a lei.

Faz-se necessária uma vítima expiatória capaz de unificar a violência da cidade contra um. A tecnologia das comunicações permite que o mal seja localizado a quilômetros de distância, na Cisjordânia, no Afeganistão, nas guerras fratricidas da África, etc. A questão é: este mal simbólico e abstrato não consegue originar a unanimidade violenta que

* Ver “mano” no glossário.

* Ver “Rap” no glossário.

a cidade precisa. É preciso encontrar no próprio universo da cidade o mal que deve ser expiado.

O problema não permite soluções fáceis, seríamos obrigados a admitir nossa impotência na contenção da violência sem aderir ao mecanismo sacrificial? Se admitíssemos isto estaríamos admitindo o fracasso do Estado enquanto criação moderna capaz de possibilitar a organização da sociedade pelo poder judiciário, encarregado de estabelecer a diferença entre o bem e o mal e de punir àqueles que não respeitarem estes limites. O monopólio da violência pelo Estado deveria garantir a paz e a tranquilidade, o que não ocorre, porque o Estado brasileiro perdeu sua capacidade de estabelecer a normas de conduta e assim gerir os interesses sociais. A sociedade brasileira funciona a partir de interesses particulares e não a partir de interesses coletivos, o que fragiliza a democracia. De cima para baixo ou de baixo para cima, qualquer que seja o recorte social, a coletividade está sempre num segundo plano. Os escândalos financeiros, as corrupções dos governantes, revelam que a promiscuidade entre o público e o privado herdada do período colonial continua presente, sendo essa a violência que mais dano causa à sociedade. Na extremidade oposta, a falta de possibilidades conduz muitos ao crime, mesmo sabendo, como no caso do tráfico de drogas, que a vida pode ser curta nesta profissão, devido às disputas internas ao grupo ou ao confronto entre grupos rivais ou, ainda, ao confronto com a polícia. Para eles, a violência direta e explícita, dos roubos, do seqüestro, dos assassinatos é quase um instrumento de trabalho – que contamina - sem ela não poderiam afrontar a violência estatal, nem a violência privada daqueles que contratam seguranças, moram em condomínios fechados, andam armados....

A violência urbana só diminuirá se o Estado conseguir organizar a sociedade por meio de normas democráticas de conduta, ou seja, normas que visem os interesses coletivos, juntamente com um poder judiciário capaz de garantir a aplicação destas normas. Sem estas condições as normas continuarão a ser ditadas pelas tribos, pelos grupos de interesse econômico, pela mídia, enfim, por parcelas da sociedade que se impõe violentamente contra a coletividade.

No entanto, o risco da reciprocidade violenta nunca abandonará a sociedade. Sempre um conflito pode adquirir dimensões catastróficas – a guerra entre palestinos e

israelenses é uma prova disto – por isso, as normas de convivência democrática devem sempre ser enfatizadas pela prática social.

A escola, não pode ser alavanca das mudanças sociais, entretanto, ela pode servir de espaço de convivência democrática, retirando os policiais armados de seu interior, abrindo os portões, removendo as grades, enfim, criando atividades que atraiam a comunidade. Não há uma receita de como isto possa ser feito, mas há alguns caminhos que podem ser seguidos.

Na região onde realizamos a nossa pesquisa, há carência de espaços de lazer –as crianças chegam até mesmo a utilizarem o cemitério Jardim São Luiz para brincarem – as escolas têm estes espaço, que pode ser oferecido para a comunidade, desde que não interfira no seu funcionamento. A Escola Estadual Oscar Pereira, localizada no Jardim Nakamura, sofreu com as depredações, com os roubos, com o tráfico de drogas, com os acertos de contas no seu interior, etc. Blindar portões, colocar grades nas janelas e policiais armados em suas dependências, foram paliativos para violência que é perpetrada pelos próprios alunos, quer dizer, a violência está dentro e não fora da escola. A sensibilidade da diretora promoveu a abertura da escola como espaço de lazer - a quadra da escola serve para a comunidade praticar esportes e realizar campeonatos de futebol, vôlei e handebol – iniciativa que atraiu a comunidade para a escola que passou a ser menos depredada e roubada, e teve o seu limite respeitado pelos traficantes. Nesta linha de atuação, a escola faz festas nas quais os seus alunos apresentam algum número artístico que os faz sentir capazes e criativos, ao mesmo tempo em que promovem lazer para o bairro. A abertura da escola permitiu sua valorização pela comunidade. Hoje, as tribos que compõem esta comunidade, os traficantes, os garotos e garotas do hip-hop, os pagodeiros, os jogadores de futebol, etc, freqüentam a escola e, em conjunto, tentam encontrar soluções para os seus problemas. A Escola Estadual Oscar Pereira, a partir de uma iniciativa simples, conseguiu encontrar um modo de se relacionar com a sua clientela, a comunidade – estabelecendo regras para o uso da escola, promovendo eventos culturais e esportivos, afastando o tráfico e a violência policial de seu espaço, etc - visando a preservação de um espaço voltado para o conhecimento, sem excluir ou marginalizar.

O horto comunitário, sugerido por Medrado (1996), constitui outra iniciativa interessante para estabelecer uma relação menos violenta entre a escola e a sua clientela. Os

alunos ocupariam os espaços livres da escola ou terrenos desocupados próximos, com hortas e pomares, o que fosse produzido seria levado pelos estudantes e distribuído na comunidade. A escola auxiliaria, por meio dos estudantes e dos professores, a criação de hortos no bairro que poderiam ajudar a suprir a cesta básica das famílias. Iniciativa que promoveria a valorização da escola, o primeiro passo para torná-la um espaço democrático.

Oficinas de arte oferecidas à comunidade, que valorizem a arte popular e a chamada arte de rua, também constituem iniciativas interessantes para a diminuição da violência escolar. As artes - dança, teatro, música, pintura...- geralmente despertam o interesse das pessoas e a participação em atividades artísticas favorece o relacionamento.

Por meio de criações artísticas torna-se ainda possível tentar compreender as representações da violência disseminadora da morte entre os adolescentes – suas vítimas preferenciais na zona sul – e trabalhar com estas representações dando relatividade a elas, ou seja, mostrando que são apenas uma perspectiva do real, não são realidades absolutas. Este trabalho pode ser feito numa oficina de vídeo, numa aula de redação, ou de teatro, etc, situações propícias para que as representações possam ser despidas. Em nossas oficinas de vídeo os curtas metragens forneciam o material para que os alunos discutissem as motivações que estavam por trás dos filmes. O filme “Sexo”, feito na Escola Municipal Ana Silveira Pereira, do Jardim São Luís, termina com esta imagem: sete adolescentes, três meninas e quatro meninos – por volta dos 15 anos - tentam refletir sobre o sexo e sobre o seu significado para o universo feminino e masculino jovem, conversam também sobre a dificuldade do tema para os adultos e para os educadores - apenas a diretora e a coordenadora pedagógica da escola responderam às questões propostas pelos adolescentes no documentário.

O rap, música muito ouvida entre os jovens das periferias, mostra-se também como fonte interessante para o estudo das representações da violência e da morte, o que torna a sua análise interessante para se compreender a violência na cidade.

3.5 - Representações da violência no Rap

O Rap* é um gênero musical caracterizado pela letra falada sobre uma base – arranjo de fundo – que recebe efeitos sonoros introduzidos pelos Djs. Os temas são geralmente ligados à violência urbana em suas diferentes manifestações: a violência policial, a violência proveniente da desigualdade social, a violência do tráfico, a violência contra a mulher, o racismo, etc.

Há raps que tentam “passar uma mensagem” considerada positiva, ou seja, operam no nível da moral social condenando o uso das drogas, o crime, o desrespeito às mulheres e às crianças; incentivando a família e os seus valores. A violência é representada como inútil meio de conquista de melhores condições de vida, apenas dissemina a morte entre os “manos”. O ‘estudo’, mais que a escola, é visto como o instrumento redentor para as pessoas consideradas de bem.

O chamado “rap de protesto” trás uma “mensagem” mais agressiva. A vida nas periferias é representada como infernal, a violência proveniente do tráfico de drogas, da polícia, da burguesia, da desigualdade social, permeia as relações entre as pessoas, condena a infância e a adolescência à morte. A reciprocidade violenta apresenta-se entre os próprios “manos”, entre eles e a polícia, entre a periferia e a cidade, reduzindo-se a violência entre oprimidos e opressores. Oprimidos identificados como todos aqueles que não tem o mesmo poder de consumo que os considerados ricos: aqueles que têm carros novos, roupas novas, possuem lindas mulheres, vão a restaurantes caros, são poderosos e influentes, podem oprimir... A identificação com este modelo ideal e o desejo de possuir objetos que denotem poder promoverá a rivalidade. O mal é assinalado naquele, que no plano das representações, não permite a melhoria das condições de vida e, assim, impede o acesso aos bens de consumo oferecidos pela sociedade.

Os considerados ricos, chamados de “plays”, passam a ser os rivais e as potenciais vítimas expiatórias. A agressividade dirigida a eles é redentora. A saída para a violência só pode ser violenta.

Selecionamos algumas letras de rap interessantes no que diz respeito à representação da violência existente entre o centro da cidade e as periferias. Estas letras nos

* Ver termos ligados ao Rap no glossário

permitem apreender onde os adolescentes, que são ouvintes e compositores deste tipo de música, localizam a violência e os meios que consideram eficazes para promover a paz.

Nossa intenção não é dar conta do universo do rap, que merece ser estudado com profundidade para se compreender a cultura jovem das periferias, as letras foram selecionadas por serem representativas de um estilo, no que diz respeito ao tema e as representações da violência. Algumas letras tratam da morte que se apresenta sempre violenta.

Música: “Saída de emergência” (4:18)

Autoria: (L. Fernando/W. Manoel)

Álbum: “Saída de emergência” – DMW

“Eu não sonho alto ainda sou menino, agradeço a Deus por ainda estar vivo, no meio da revolta do ódio e da covardia quem tá do lado certo me inspira, nove meses na barriga da mãe, não posso me tornar traíra, pois ela confia em mim, não quer me ver assim, humilhado, fracassado, no caminho do fim, se sou a esperança de futuro.

Que futuro? Às vezes o presente é uma prisão sem muro. Não quero ter essa lição, sei que não é bom. O meu futuro é ser soldado da nação!

Refrão: Então marcha soldado – quatro vezes.

Caminhe deste lado ligeiro e preparado se não quer ser tirado, preto é visado, na rua é largado e rejeitado e eliminado. Não estou errado, não posso ser algemado, nem o meu direito à liberdade negado, jogado como papel velho no lixo.

Irmão revoltado tentou o suicídio, não é divertido, lágrimas sem sorriso.

Gueto ou cativo, fugindo do inimigo viver estar vivo, justiça é preciso.

Na verdade nada faz mais sentido, geração inteira divide o espaço na rua, flutua.

Frustração, ilusão, amargura, hei vida dura. Quem se segura?

Pensou na mãe, não pôs o cano na cintura. Já viveu sofrimento demais herança dos pais e dos ancestrais.

Eu tenho sede de dizer, nunca mais igual ao Zapatista, justiça tão atrás

Refrão: Então marcha soldado – quatro vezes.

Rapa não mata ligeiro, da isca eu escapo, não quero esquentar a chapa, a justiça é o que mais mata.

Com urgência procure a saída de emergência, imprudência, zerou a paciência, cilada tão fora, informação a qualquer hora, peço glória.

Quem pela verdade ora, na fé o instinto sigo, que Deus me livre do perigo.

De cabeça erguida vivo, sigo o meu caminho contra o desespero, fome dor e medo.

Preto sossegado, no mar do preconceito hip-hop me ligo, esperança no menino que traz o mesmo grito.

Refrão: Então marcha soldado – quatro vezes.

Pare e pense de que lado a corda arrebenta, não é oito nem oitenta, mana se orienta, tenta sair desta moda. É podre, fede e incomoda, o todo prova.

Está ciente do que rico gosta, do que eles gostam, nos atingir pelas costas, Ver o seu filho sem pai, sem mãe, pedindo esmola.

Chama a polícia, o certo enterrado vivo. Socorro esqueça, ninguém dá ouvido.

Da paz à campanha, o preto tá extinto, nem mano nem índio constam nos livros.

Digo uma dica, séria, realista,
Marcha soldado pela sua vida.”

Acompanhando o menino, personagem da música, entramos na atmosfera da reciprocidade violenta, na qual os lados estão bem demarcados, “quem tá do lado certo ai me inspira...”, o mal é localizado no opressor, a causa do fracasso, da humilhação; o responsável por fechar as portas do futuro. Será preciso arrombá-las, ser soldado da nação para sobreviver. A alusão a guerra deixa claro que é por meio da violência, do combate que se conquista a liberdade, a justiça e a redenção dos ancestrais, ou seja, que se instaura uma nova ordem social. Os portadores do mal são reprováveis não apenas por causa de sua violência, mas também porque são moralmente condenáveis - “(...) do que rico gosta, nos atingir pelas costas, ver seu filho sem pai, sem mãe, pedindo esmola. Chama a polícia, o certo enterrado vivo...” – possuem um gosto mórbido, doentio, pelo sofrimento dos outros, querem ver a extinção dos pretos, por isso, contra este mal, é preciso fazer guerra, para destruí-lo e garantir a vida.

O rap “A elite” é mais agressivo e direto na localização daqueles que mantêm a desigualdade social, descreve o confronto entre duas partes da cidade, novamente a parte boa, a desfavorecida, a periferia e a parte má a ocupada pela elite.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Música: “A elite” (4:25)
Autoria: (Ndee Naldinho)
Álbum: “Ndee Naldinho ao vivo”

“Fim de semana chegou aqui em São Paulo, trinta e sete graus que sol...”.
(...) boizinha desfila o sob e desce aqui na vila, se sente a poderosa na rua...estilo perua desfilando como no Morumbi (...) não gosta daqui.
Os patife essa hora deve tá tomando whisky importado, comendo caviar.
Ignoram a vida da periferia, gente boy é só patifaria,
Vida rica, alegria vaidade é a banda podre da cidade.
A burguesia malcriada cheia de querer como apresentadora de TV.
(...)
Na quebrada o sistema é assim, não há lugar para a molecada se divertir.
Bandário, Brazilândia, Itaquera, a vida é diferente das novela.
Chegou o natal, fim de ano, ninguém tem dinheiro para comprar uns pano.
Em vários lugar a festa rola, muita mãe é que chora (...)
Tem uma família vendendo, várias tretas, mano morrendo.
Na corrida do dinheiro para sobreviver, infelizmente acontece dos mano morrer.
A vida por aqui é diferente de Alphaville, Jardins, de toda aquela gente.
(...)
Aqueles papo intelectual, estilo político eu não pago o pau. (...)
Coroa cliente exigente da Dasdor, vida boa vive rindo a toa,
Gasta novecentos mil em sapato, em roupa (...)
Nome difícil sobrenome diferente é status para essa gente,
Meneguel, Liberato, Braga, dessa gente eu não quero nada,
Nome de bacana que dá nojo (...) Camargo, Ermírio, Cardoso, Guerra...”

“Vida rica, alegria, vaidade é a banda podre da cidade...” a música revela o mecanismo de marginalização operando da periferia para o centro da cidade. O mal está em Alphaville, nos Jardins e no Morumbi, nos quais o alto poder aquisitivo, ao mesmo tempo que é desejado, é visto como a causa de todos os males das periferias, onde não há lugar para as crianças brincarem, onde os “manos” estão morrendo “na corrida pelo dinheiro”. Podemos constatar a natureza dúbia do *pharmakós*, ao mesmo tempo que são repudiados como causadores de todos os males trazem a solução para eles, são a doença e a cura. Ter dinheiro para consumir, seja “panos” – roupas – ou qualquer outra coisa, parece constituir o poder redentor. É como se a violência pudesse liberar as energias retidas numa das polaridades – a dos ricos neste caso - sacrificado o mal, o bem espalhar-se-ia sobre a cidade. Talvez a esperança que motivou as revoluções e as guerras religiosas fosse deste mesmo tipo.

É sempre a violência instaurando a paz., o que é muito bem ilustrado pelo grafite feito no muro do cemitério São Luiz, que retrata um menino atirando: do cano do revolver sai a paz*.

Violência que dissemina a morte, principalmente entre adolescentes na zona sul da cidade. “A loucura, o diabo e a morte estão sempre a sua procura” sentencia o rap “Rapaz comum” dos Racionais:

Música: “Rapaz comum” (3:14)

Autoria: Racionais

Álbum: “Racionais ao vivo.

“Parece que alguém está me carregando perto do chão”,
Parece um sonho, parece uma ilusão,
A agonia, o desespero toma conta,
(...) Alguma coisa no ar me diz que agora é o fim,

O sangue ainda quente não sinto dor,
A mão dormente não sente o próprio calor,
(...) Alguém me fala: não morra agora parceiro,

Para me pegar foi muito fácil,
Sobreviver agora nem sendo mágico,
(...) A ironia da vida:
A loucura, o diabo e a morte estão sempre a sua procura (...)

Na periferia há uma relação quotidiana com a morte violenta, que se apresenta nos corpos estendidos nas ruas, nas calçadas, em frente o portão da escola, no terreno baldio, dentro dos bares, etc. Não há como dissimular a morte ou tratá-la como uma realidade distante da vida. Para o centro da cidade, a morte violenta sinaliza a marginalidade, não é à toa que a mídia policial aponta a zona sul da cidade de São Paulo – os bairros Jardim Ângela, Jardim São Luís e Capão Redondo – como o triângulo da morte. Mais uma vez, o mecanismo de produção de vítimas expiatórias entra em operação, localizando nas margens da cidade a negação da vida. Representações diferentes da morte oporão, portanto, o centro da cidade à periferia.

Antes de começarmos a tratar do tema da morte faz-se necessário tecermos algumas reflexões.

* Ver grafite no anexo D.

3.6 - Considerações preliminares

Na cidade, como nas tribos – pós-modernas ou não – há o mecanismo de produção das vítimas expiatórias. Forma de garantir a pureza e a unidade da cidade, no plano das representações, contra um mal que deve canalizar toda a violência proveniente das relações entre os cidadãos e, deste modo, evitar a desagregação da ordem social pela reciprocidade violenta. As vítimas expiatórias possuem um perfil determinado: são os marginalizados, os considerados perigosos, os doentes que podem contaminar a cidade. Estão nas periferias, nas fronteiras da cidade, os que lhes coloca numa situação dúbia: pertencem sem pertencer a ela. Situação importante, para que possam servir à expiação, pois os males da cidade precisam ser reconhecidos neles, mas num grau bem maior de modo que não sejam confundidos com nenhum cidadão.

Neste sentido, o procedimento da mídia policial de massa ao apontar a zona sul da cidade de São Paulo como o lugar mais violento do mundo e como triângulo da morte, não é estranho. Teorias e discursos que vinculam a violência à pobreza e à falta de policiamento operam, do mesmo modo, na produção de vítimas expiatórias. A polícia, os grupos de extermínio, os seguranças particulares, os cidadãos armados, etc, são os carrascos.*

Nas periferias sente-se a exclusão social e o conseqüente estigma, o mal, por sua vez será localizado na ‘periferia das periferias’, ou seja, nas regiões mais centrais da cidade – do ponto de vista geográfico, mas sobretudo econômico. É a situação de opressão social, da qual o Estado participa, que empurra os jovens para o tráfico e para a criminalidade de um modo geral, fazendo com que os “manos” matem uns aos outros. Deve-se, portanto, lutar contra a opressão, contra os burgueses, contra os brancos, contra os “playboys”, e se possível sacrificar os portadores do mal. Não há saída não violenta para a violência.

A violência apresentar-se-á sempre no outro, seja nas relações pessoais, entre as tribos urbanas, entre a periferia e o centro da cidade, ou até mesmo entre os países. Esta representação da violência provém de uma compreensão linear do mundo entre dois

* Como a violência constitui, hoje, a causa principal das preocupações entre os cidadãos das grandes cidades brasileiras, a maioria dos políticos, pensando nas eleições, passaram a apoiar ações mais violentas da polícia. Tem-se a impressão que a tranquilidade da população está diretamente relacionada ao número de criminosos mortos.

extremos: o bem e o mal, as coisas boas e as coisas más. Ela evita o perigo de ver que o mal está em cada um, portanto, no coração da cidade. A busca de vítimas expiatórias faz parte do mecanismo de ocultação da violência e do esforço social de portar o bem.

A falta de um Estado ‘portador do bem’ vai fazer com que a sociedade encontre maneiras de estabelecer a distinção, localizando o mal, nas margens, nos *pharmakós* modernos. Isto contribuirá para a generalização da violência por meio da reciprocidade violenta que se estabelecerá na cidade de um modo geral, entre as tribos e entre a periferia e o centro.

Para que se consiga romper com a reciprocidade violenta, sem recorrer ao mecanismo sacrificial é preciso que o Estado possa ser identificado com o bem e reassuma sua função normativa. Para isto é necessário haver leis que garantam o monopólio da violência para o Estado – como a proibição do uso de armas de fogo pela população* – e mecanismos que permitam que a resolução de conflitos sociais não se dê às expensas do poder judiciário – ou seja, a criação de acessos outros à justiça, como mais tribunas de pequenas causas, fóruns nas periferias e, principalmente, que a lei seja cumprida de modo rápido e sem exceções. Além disso, a vinculação pela mídia de massa de propagandas sobre os direitos e deveres do cidadão e sobre os meios legais de reivindicar estes direitos contribuiria com esse processo.

As escolas podem tornar-se espaços públicos interessantes para se repensar a cidadania, para que se compreenda a função do Estado e as maneiras de se relacionar com ele. Para que isso ocorra, entretanto, é preciso que a clientela da escola perceba a escola como um espaço realmente público. As escolas, portanto, devem se esforçar neste sentido.

* Ver no anexo E o uso de armas de fogo como causa de homicídios na zona sul.

4 - A morte na zona sul

Durante nossa pesquisa nas escolas não poucas vezes fomos surpreendidos pela presença da morte violenta, sobretudo entre adolescentes*. “Você não viu o presunto* ali no bar?” “Hoje o pessoal da quinta série está chocado, um menino da turma foi morto quase em frente a escola.” Meu, o cara tá morto ali desde as seis horas da manhã, quando eu saí para trabalhar.” A morte está nas ruas, nas calçadas nas escolas, nos discursos, nas músicas – no rap principalmente – nas narrativas cinematográficas feitas pelos adolescentes, nos grafites* espalhados pela região, nas roupas usadas pelos jovens.

Em pesquisa interativa, os alunos – adolescentes - disseram temer a morte violenta e acreditarem que a presença da morte interferia no cotidiano escolar. Os professores apesar de relatarem a presença da morte nas escolas, não relacionavam esta presença às suas atividades enquanto educadores. Para a maioria deles, a morte é assunto para as religiões e para a polícia, não é da competência da escola lidar com ela. Na Escola Municipal Ana Silveira Pereira, localizada no Jardim São Luís, entretanto, encontramos, por parte da diretora e da orientadora pedagógica, preocupação com a presença da morte violenta e com a dificuldade de trabalhar com ela na escola - esta escola, faz divisa com o Cemitério São Luiz, portanto, está mais próxima da morte. “A escola é conhecida como Ana Caveirinha pelos alunos, eles sempre perguntam algo sobre a morte.” – Diretora – “Quando há enterros no cemitério, aqui todo mundo fica antenado, para saber o que está acontecendo. Acredito que a morte é um tema importante para ser trabalhado pela escola, pois aqui se convive diariamente com ela.” – Orientadora pedagógica.

Não há entretanto, até o presente momento um estudo sobre como a morte violenta interfere no cotidiano escolar e portanto, não há uma pedagogia da morte ou uma pedagogia que se volte mais especificamente para o tema. Contudo, é possível verificar por meio da imprensa e da participação no cotidiano escolar, que a morte violenta freqüenta regularmente a escola vitimando sobretudo, adolescentes – fato que se intensificou em todo o mundo a partir da década de noventa quando nos E.U.A e na Europa adolescentes

* Ver no anexo F, pesquisa sobre as principais causas de morte entre adolescentes.

* Ver a utilização do termo presunto no glossário.

* Ver grafites representando a morte no anexo G.

perpetraram massacres nas escolas e no Brasil, os ajustes de conta e as chacinas passaram a ocorrer no espaço escolar.

A morte é pedagoga ao apresentar-se na escola, pois indica que é preciso um trabalho pedagógico efetivo sobre a violência urbana e sobre a morte que é disseminada por ela.

Nossa intenção não é propor uma pedagogia da morte, tarefa que exigiria um estudo aprofundado do saber pedagógico existente e a partir disto, formular e testar possibilidades para tratar o tema. Gostaríamos de contribuir demonstrando em primeiro lugar, uma forma de interpretar a violência urbana disseminadora de morte, por meio das reciprocidades violentas entre os atores sociais a partir da procura de vítimas expiatórias, como forma de canalizar a violência interna às tribos pós-modernas, às cidades, às periferias, etc. Em segundo lugar, dado que esta violência freqüenta as escolas públicas causando mortes, fornecer conhecimentos visando a elaboração de pedagogias sobre a violência e a morte no espaço escolar.

Para a compreensão da morte nas escolas da zona sul, faz-se necessário um trabalho análogo ao que fizemos sobre a violência, tentarmos apreender as representações da morte. Estas representações fornecem elementos para uma análise do modo como a morte interfere na vida das pessoas e, de certo modo, orienta suas ações. Como os adolescentes são as vítimas preferenciais da morte violenta na região pesquisada e também os principais autores de violências, focalizaremos principalmente seu universo.

4.1 - O Cemitério São Luiz

Saindo da Escola Municipal Oliveira Viana, atravessando a avenida M.Boi.Mirim, sentido oeste, após um caminho íngreme e tortuoso chegamos à uma colina onde se situa o Cemitério São Luiz*, que atende principalmente a zona sul da cidade. O cenário impressiona pela dimensão; um enorme vale abriga cerca de 130.000 mortos registrados, que somados aos sepultamentos clandestinos eleva ainda mais o número de sepultados.

O intenso movimento de coveiros, os velórios sempre cheios, são outros aspectos inquietantes. A média diária de enterros é de 14, mas nos dois dias consecutivos ao final de semana - segunda e terça - e após os feriados o número pode chegar a 25 por dia*. De acordo com a administração do cemitério, 40% dos sepultados são jovens, vítimas, em sua maioria, de morte violenta. Há também muitas crianças sepultadas, o que faz a média etária dos mortos cair para 14,5anos.

Para atender a uma demanda tão grande, milhares de covas nunca param de ser abertas, covas rasas e pequenas espremidas uma contra as outras numa ocupação máxima dos espaços- a residência dos mortos assemelha-se a daqueles que vivem nesta região, pequenas e espremidas. As sepulturas são identificadas apenas por pequenas cruces de cimento ou de madeira. As chuvas de verão fazem com que seus limites sejam perdidos, carregam as sepulturas e o mato cobre tudo.

O Cemitério São Luiz, como os cemitérios medievais que se integravam aos vilarejos e eram utilizados como lugar público, serve de pasto para cavalos e burros, para crianças brincarem, para negócios escusos como a venda de drogas, para casais namorarem, etc. O fato das crianças e casais utilizarem o Cemitério como lugar de lazer, indica que espaços próprios para brincar e namorar são escassos nesta região. Talvez apenas os cemitérios e as escolas, por serem amplos, possam oferecer este tipo de possibilidade.

Olhando o Cemitério do seu ponto mais alto podemos perceber que seus limites só estão demarcados por um muro na parte superior – o contrário do que ocorre na cidade, onde muros e grades estabelecem a fronteira entre o mundo dos vivos e dos mortos - integra-se nas partes mais baixas do terreno com as casas, que têm cruces no quintal, com a

* Ver imagens do Cemitério São Luiz no Anexo H.

* Ver no anexo I, pesquisa sobre os dias e os horários em que ocorrem mais homicídios na zona sul.

escola – Escola Municipal Ana Silveira – com as ruas adjacentes que terminam no território dos mortos.

Não há incômodo algum em conviver com o mundo dos mortos, o fato do cemitério prolongar-se sem limites definidos não é considerado um problema, o que aflige os moradores da vizinhança é a violência presente neste espaço. Durante a noite, tiros indicam que “acertos de conta” estão sendo feitos no cemitério e que a violência urbana produziu mais vítimas – Numa de nossas idas ao cemitério, no mês de janeiro de 2001, nos deparamos com três cadáveres de jovens mortos durante uma noite violenta. Questionamos informalmente à autoridade policial sobre as causas das mortes, soubemos que se tratava de ajuste de contas de traficantes com possíveis delatores. Estas práticas nem sempre estão ligadas às dívidas ou deslizes com traficantes; há acertos por dívidas pequenas entre conhecidos, pela tentativa de paquerar uma mulher “com dono”, enfim por qualquer motivo banal. Segundo pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo – NEV – a principal causa de homicídios é no município de São Paulo a briga*. O porte indiscriminado de armas de fogo e a inexistência de instâncias públicas para ajuizarem os conflitos favorecem a morte nestes casos.

A morte violenta estabelecerá na comunidade a diferença entre o bem e o mal. Se ela atinge aqueles considerados “boas pessoas” – os pais de família – o autor passa a ser identificado com o mal, mesmo que isto não seja verbalizado por medo de represálias. Se ela atinge ao contrário, um “nóia” ou um criminoso considerado perigoso para a comunidade, o autor da morte ou das mortes é reconhecido por sua valentia, por algum tempo ele goza do status de herói. Organiza-se em torno da morte um universo simbólico hierarquicamente definido, os justiceiros ocupam o lugar de destaque, em seguida matadores esporádicos, ou seja, aqueles que mataram um inimigo da comunidade por acaso, geralmente numa briga de bar e os nóia, os mais desprezíveis, que matam indiscriminadamente visando conseguir dinheiro para alimentar o vício. A polícia mata muito - como atesta o relatório de 1999 da ouvidoria da polícia do Estado de São Paulo – e também é vista como vilã, pois é causadora de uma morte que vitima principalmente os pobres e os negros.

* Ver pesquisa quantitativa sobre as causas de morte violenta na zona sul no anexo J.

No mecanismo sacrificial a morte destaca-se não somente por ser o desfecho “pacificador” - a canalização da violência interna à tribo ou à comunidade para a vítima expiatória - mas, também, por ser a marca do mal. As representações da morte na Idade Média, um esqueleto ou um transido montado num cavalo dissecado ceifando vidas durante a peste negra dos séculos XIII e XIV ou durante as inúmeras guerras medievais, revelam uma presença estrangeira que por sua virulência cria o caos. A morte é a própria violência no seu mais alto grau, portanto bani-la significa estabelecer a ordem social. Não é estranha a tentativa de isolar os doentes fora das tribos ou das vilas, ou ainda, nos hospitais e os mortos nos cemitérios e necrotérios bem demarcados. A presença da morte é perturbadora. De algum modo é preciso encontrar a cura para este mal acabando com a reciprocidade violenta, que pode inviabilizar qualquer organização social. Faz-se portanto necessário sacrificar a morte, representada em todos aqueles que são identificados como sendo os seus portadores: os doentes, os assassinos, os nória, os traficantes, os policiais, os terroristas, os inimigos da nação, etc.

4.2 - A morte do marginalizado

Os marginalizados devem estar sempre morrendo para que a paz e a tranqüilidade prosperem, tanto no centro como nas periferias da cidade. A relação das tribos ou das comunidades com eles é sempre dúbia, ao mesmo tempo que são reconhecidos como pertencentes a elas - condição necessária para poderem ser os portadores do mal - não podem ser identificados totalmente com os seus membros, o que lhes tiraria o caráter de vítimas específicas.

Aqueles que em vida dedicam-se a atividades ilegais, tais como o tráfico de drogas, roubo, assassinato, etc, são temidos pela comunidade, pois freqüentemente estabelecem com ela uma relação ambígua para a própria proteção,. São temidos e aceitos ao mesmo tempo. Temidos por deterem um poder de vida e morte sobre as pessoas, aceitos por facilitarem de algum modo a vida da comunidade. Não deixam outros bandidos entrarem no seu espaço e abusarem das pessoas, tentam controlar a violência proveniente por exemplo, dos “nóia”. Muitas vezes, controlam também a violência policial; em algumas áreas a polícia respeita o limite estabelecido com o “chefe local”, por medo, por um acordo de cavalheiros, ou porque usufrui da situação.

Nossa pesquisa constatou que algumas escolas são ajudadas por estas pessoas que viabilizam a pintura dos muros, afastam os traficantes, evitam tiroteios nos arredores da escola, impedem violências contra professores e funcionários, etc.

Porém, não se pode dizer que estas pessoas são queridas e tidas como membros da comunidade, pois se servem das carências e praticam todo o tipo de violência quando são contrariadas ou quando precisam dar demonstrações de poder.

Quando uma dessas pessoas morre, ou quando morre alguém de seu séquito, vítimas da violência interna do próprio grupo ou da disputa entre grupos rivais, ou ainda, devido a um confronto com a polícia, os membros da comunidade vituperam o defunto. “Quem mandou se envolver com isso, ...” “Ele sabia que um dia terminaria assim,...”, “Um bandido a menos no mundo...” “Que a morte dele sirva de exemplo para os mais jovens que estão no mesmo caminho...”

Este tipo de comportamento é o inverso do adotado quando pais de família, ou donas de casa ou algum parente falece. Geralmente, a morte confere uma aura de bondade

às pessoas, devido ao medo dos vivos de serem perseguidos por espíritos ou almas penadas que uma vez vituperadas não poderiam descansar em paz.

No caso dos criminosos a morte serve como um momento de desforra, no qual há a canalização da reciprocidade violenta contra o morto que passa a simbolizar o mal expiado. O morto encontra-se só, marginalizado, exposto na rua, na praça, no cemitério, como motivo de vergonha e de mau exemplo. É curioso notar, neste sentido, que o cadáver do marginal demora mais para ser recolhido pelas autoridades, ou para ser coberto por jornais. Fica exposto como um monumento da indignidade.

Em algumas escolas, professores e pedagogos disseram que os adolescentes assassinados tinham culpa e que é difícil um adolescente inocente ser morto. Os matadores são precisos: “Eles só pegam os culpados,... quem não fez nada não tem o que temer,...” sentenciou uma diretora ao comentar o assassinato de um adolescente no interior da sua escola. Este tipo de postura diante da morte revela que o mecanismo da vítima expiatória confere legitimidade à morte dos identificados com o mal, com a violência. A morte dos portadores da violência, no plano psicológico, é garantia de tranquilidade. Muitas mortes devem acontecer para que a ordem e a tranquilidade sejam sempre refeitas. A morte dos maus é sentida como um bem necessário.

O envolvimento de jovens e adolescentes com a criminalidade os expõe a morte. Na zona sul da cidade de São Paulo eles são as principais vítimas de homicídios. Esta realidade, não é específica do Brasil, nem de outros países pobres. Estudos realizados na Europa e na América do Norte demonstram tratar-se de uma tendência mundial. Durante a década de noventa uma pesquisa feita pelo Center for Study and Prevention of Violence, da University of Colorado revelou que nos E.U.A cresceram as taxas de jovens vítimas de violência, em especial no grupo etário de 12-15 anos (onde houve discreto aumento, em torno de 8 a 10%, no envolvimento de adolescentes com algum tipo de violência grave) e um dramático crescimento nas taxas de homicídios contra adolescentes desde 1988. Isto indica, como no caso brasileiro, que os jovens e os adolescentes no mundo do crime são autores e vítimas da violência.

4.3 - Violência e morte entre adolescentes

Ariés (1973) defendeu em seus estudos a tese de que a infância e a adolescência constituem construções sociais e históricas, pois não existiam durante a Idade Média. Assim, a representação da adolescência como fase intermediária entre a infância e a idade adulta constitui construção contemporânea à emergência e à consolidação das sociedades européias ocidentais em fins do século XVIII.

O aparecimento da adolescência, de acordo com análises históricas e sociológicas, resulta de mudanças sociais na estrutura e organização da família enquanto instituição, devido as novas formas de inserção de seus membros no mundo do trabalho urbano e industrial. A progressiva universalização do acesso à escola básica, especialmente pública, também contribuiu na criação e definição de novos padrões de necessidades sociais. Além disso, há um isolamento da família enquanto célula social, propiciado pelo individualismo próprio das sociedades capitalistas. A família sofre assim, profundas mudanças em sua esfera íntima, privada e pública.

A percepção da adolescência enquanto problema é contemporânea à associação entre juventude e delinqüência que data do final do século XIX, início século XX, quando a psicologia concebeu a adolescência como período de agitação hormonal com efeito explosivo sobre o comportamento, o que requereria tanto liberdade para dar vazão a este potencial energético quanto maior controle, visando incutir-lhes disciplina social. Esta percepção da adolescência orientou várias teorias sociológicas que consideraram a delinqüência juvenil como o resultado de um contexto social carente de autocontroles e de controles sociais, especialmente os exercidos pelos pais. As precárias condições de vida eram responsabilizadas pela dificuldade de inserção social dos jovens, sobretudo devido à precária oferta de lazer e ocupação do tempo livre de forma considerada socialmente construtiva. Acreditava-se então, que a imersão na pobreza era a causa principal dos jovens associarem-se às gangs e às quadrilhas, gerando conflitos entre eles e as suas respectivas comunidades. Esta perspectiva teórica a respeito das causas da violência juvenil deve ser considerada com ponderação, ou seja, com escala e relatividade se não quisermos contribuir com o mecanismo sacrificial ao identificarmos a adolescência pobre com a violência. Se as pesquisas indicam aumento nos índices de violência e de morte entre e contra adolescentes,

principalmente em algumas regiões da cidade, devemos cotejar estes dados com os que revelam a ocupação dos adolescentes que praticaram crimes e os principais tipos de crimes em que estão envolvidos. Verificar-se-á, de acordo com pesquisa realizada por Adorno (1999), que os desempregados, juntamente com os inativos – estudantes e não estudantes – furtam e roubam mais, apesar da porcentagem de empregados que se dedicam ao furto ser alta. Podemos conjecturar que neste caso os salários são baixos e insatisfatórios, o que faz os jovens ao mesmo tempo em que trabalham dedicar-se a atividades criminosas - para Adorno, com o tempo o emprego é abandonado*. A atividade criminosa pode ser vista como um trabalho, como um meio de tornar-se consumidor dos prazeres que a sociedade oferece. Isto não quer dizer que os adolescentes pobres sejam mais propensos às práticas criminosas. Visto que o grau de escolaridade está associado à classe social no Brasil, pesquisa recente de Adorno* aponta o aumento da criminalidade entre adolescentes com maior escolaridade, permitindo a hipótese de que o número de jovens de classes mais abastadas – classe média principalmente - que se dedicam a atividades criminosas está crescendo.

Os apelos ostensivos ao consumo criam a ilusão de que nunca se tem o suficiente, é preciso sempre mais. Os jovens ricos podem comprar carros, roupas, tênis, relógios, enfim qualquer objeto de desejo. Os jovens com menor poder aquisitivo, embora sejam estimulados por estes apelos, não conseguem ter este nível de consumo, dedicar-se a uma atividade criminosa pode ser uma solução.

Em bairros como o Jardim Ângela há uma grande concentração de população jovem, pesquisas feitas ao longo da década de noventa revelam um crescimento demográfico médio de 4,4%, enquanto a média do município de São Paulo tem sido de 0,34% (Adorno 1999). Não é estranho o fato deste bairro apresentar elevados índices de violência envolvendo adolescentes. As características da violência também mudaram, tornaram-se mais letais, as taxas de homicídios dobraram desde 1988, o que é explicado por Adorno pelo crescimento do uso de armas de fogo nos desfechos violentos.

A presença eminente da morte violenta é constantemente lembrada pelos adolescentes como um destino trágico. O rap fala da morte dos que aderem ao crime e dos

* Pesquisa de Adorno já mostrada no anexo C.

* Ver esta pesquisa no anexo L.

que usam drogas, dos que lutam contra o sistema e do risco que correm as pessoas que vivem nas periferias. Algumas letras são agressivas e na maioria das vezes, tentam promover a reflexão dos adolescentes para a situação da periferia e incitá-los a lutarem contra isso, uma vez que nada ou muito poucos têm a perder.

Os grafites trazem imagens da morte violenta, de pessoas armadas atirando, do macabro representado por caveiras, monstros, cruzes, etc.

No vestuário de meninos e de meninas, também encontramos representações da morte. As meninas quando se produzem para um Show de 'rap' ou para uma festa qualquer, usam geralmente uma touca (parecida com as usadas pelos cantores de reggae jamaicanos) que pode ser negra ou colorida ou bonés que lembram a década de trinta americana, uma blusa de algodão ou de nylon sem uma cor específica, e calças de nylon ou de tecido abaixo da cintura e com boca de sino, o calçado preferido é o tênis. O traje dos meninos é parecido com o das meninas, ainda que entre os meninos o uso agasalhos esportivos seja maior. Até aqui nada parece lembrar a morte, mas se olharmos com atenção perceberemos que não é raro encontrar caveiras, crânios e cruzes de sepultura nas camisas, nos colares, brincos, pulseiras e anéis. A presença da morte é tão marcante como em outras épocas calamitosas, nas quais objetos deste tipo denominados de vaidades, na Idade Média, serviam para lembrar a brevidade da vida e o risco de viver. A Vaidade, explica Ariès, *"pode ser afinal, e é antes neste sentido que ela costuma ser compreendida, uma natureza morta onde os objetos - seja pela função, seja pela usura – evocam a fuga do tempo e o fim inevitável."*⁴

Estas observações feitas junto aos jovens da zona sul da cidade de São Paulo demonstram que o comportamento destes jovens é alterado, de algum modo, pelo sentimento de proximidade com a morte, pois a morte é lembrada constantemente.

⁴ Ariès, Philippe, O homem diante da morte, vol. II p.363, ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1990.

4.4 - A morte no centro da cidade

Saindo da zona sul, rumo ao centro da cidade de São Paulo, percebemos que os sinais que indicavam a presença da morte diminuem. É raro encontrarmos corpos estendidos nas ruas ou nas calçadas, as pessoas falam menos da morte, não escutamos raps sobre a morte - embora encontremos, em lugares específicos, alguns jovens que portam símbolos do macabro medieval, os pertencentes à tribo dos metaleiros que escutam heavy metal, um tipo de música que usa as imagens macabras da morte como tema para letras. A morte parece não pertencer à cidade. Até mesmo os cemitérios são muito discretos, a despeito do tamanho, pois enormes muros brancos não permitem que da rua avistemos os símbolos da morte: tumbas, cruzes, imagens dos santos interventores e dos anjos, etc – os três principais cemitérios centrais da cidade: o Cemitério da Consolação, o Cemitério do Araçá e o Cemitério Paulista encontram-se cercados por altos muros.

Os hospitais que passaram a abrigar os moribundos da cidade, parecem ser os únicos lugares da cidade onde a presença da morte pode ser sentida de modo mais efetivo. Mas por breves instantes, os doentes graves somem rapidamente, pois são transferidos para os quartos, onde serão tratados somente por profissionais – médicos e enfermeiros - e os mortos deixam discretamente o hospital, remetidos para os cemitérios, onde geralmente realiza-se o funeral

Os funerais perderam o caráter público, são reservados aos mais próximos, não há mais tempo para velórios muito longos.

O contato com a morte torna-se virtual, por meio da televisão, do cinema e dos jogos eletrônicos. Nos desenhos, os personagens morrem inúmeras vezes, mas nunca de modo definitivo; nos filmes a violência banaliza a morte - mata-se demais - ; nos jogos de computador a morte torna-se eletrônica. Esta virtualização da morte violenta pode fazer com que não se perceba mais a fronteira entre a realidade e o ilusório - a imprensa noticiou amplamente, assassinatos cometidos por crianças nos quais a morte resultou de uma brincadeira com arma de fogo ou de um desentendimento infantil.

O ritmo da vida raramente é quebrado pela presença da morte – com exceção da morte dos homens do Estado e a dos artistas e esportistas consagrados através da mídia. A morte do homem comum não é mais percebida, banalizou-se de alguma forma. A sociedade

não sente mais a falta de um indivíduo, isto não afeta a sua continuidade, tem-se a impressão de que já não se morre mais. A experiência da morte tornou-se íntima e familiar. Pulularam representações esotéricas da morte para todos os gostos. Não há mais uma unidade religiosa entorno da crença no pós-morte, cada um acredita no que lhe for mais conveniente. Isto tornou-se possível graças ao acesso a enorme gama de informações que as sociedade contemporânea dispõe – principalmente por meio da mídia e da Internet - o que permitiu a popularização das representações da morte e as crenças variadas no pós-morte.

A rapidez do desenvolvimento científico e tecnológico permite até mesmo vislumbrar possibilidades de tornar o homem imortal, banindo de vez a morte para fora da cidade, para fora da vida.

As tentativas de banir a morte, ou de pelo menos dissimulá-la, ou ainda de torná-la virtual, contudo, nunca foram bem sucedidas. Os muros de isolamento não são impermeáveis, o acúmulo de rachaduras indica a volta triunfal da morte, como ocorreu na época das grandes pestes, epidemias e guerras mundiais - a peste negra do século XIII e XIV, a primeira guerra mundial, responsável pela devastação da população jovem, sobretudo francesa e alemã, etc. A morte que volta violenta em certos períodos chama a atenção dos homens que tentam “domá-la” (Ariès 1977).

A cidade deparou-se com um novo tipo de morte tão apavorante quanto aquela trazida por pestes ou por guerras: a morte disseminada pela violência urbana. A morte que vem das periferias – de acordo com as representações mais comuns, daqueles que estão no centro da cidade.

Na cidade de São Paulo, a preocupação com a violência urbana atingiu níveis alarmantes. O medo tomou conta da cidade. Mesmo que algumas doenças e epidemias - provenientes muitas vezes da situação de pobreza, como é o caso das doenças que provocam a mortalidade infantil nas áreas pobres - matem mais que a violência urbana, esta é a portadora da morte que mais perturba, talvez devido a rapidez e o inusitado de sua presença.

Há então, por trás da dissimulação da morte na cidade, um grande medo. O medo da violência destrutiva.

5 - Considerações finais

Poderíamos dizer que a violência está em toda parte esperando uma oportunidade para tomar a tribo ou a cidade por meio da reciprocidade violenta - que não é senão a reação violenta a uma outra violência – colocando toda a existência coletiva em risco. O mundo primitivo conhecia este perigo muito mais do que nós e através do mecanismo sacrificial conseguia canalizar a violência interna às tribos para uma vítima expiatória e assim, fundar ou revigorar a ordem social. A vítima expiatória deveria agregar algumas qualidades que lhe possibilitassem ser o receptáculo da violência coletiva. Portava no grau máximo o que era identificado com o mal – como Édipo que cometeu incesto e parricídio ou ainda o rei, no mito dos Lovedu africanos, que além do incesto e de outras ações consideradas vis era empanturrado de porções abomináveis. Toda mal, toda violência, toda peste precisa ser drenado pela vítima expiatória, o que a coloca numa situação de marginalidade, ou seja, no limiar da sociabilidade, pois ao mesmo tempo em que deve ser identificada como portadora dos males não pode ser considerada como membro da sociedade, o que fatalmente provocaria a reciprocidade violenta perpetuada pelo ciclo de vinganças. A unanimidade violenta contra a vítima expiatória funda uma ordem cultural purificada pelo restabelecimento da diferença entre o bem e o mal, o saudável e o doentio, o sano e o insano, etc.

Nas tribos, chamadas de pós-modernas por Maffesoli (1988), é possível observar o mecanismo sacrificial em operação. Entre os traficantes de droga, como na máfia, o assassinato de um delator ou de um mal pagador serve para fortificar a hierarquia e a união dos membros. Muitas vezes o sacrifício é simbólico, como no caso dos executivos que marginalizam e excluem aqueles que fracassaram economicamente. Neste caso, como no da máfia ou dos traficantes de drogas, ou ainda das tribos primitivas, o sacrifício revigora uma ordem social ameaçada pela reciprocidade violenta.

A crise sacrificial, indicada na tragédia grega (Girard 1990), remete ao advento do Estado como poder judiciário capaz de estabelecer a ordem social sem recorrer à violência de todos contra um, ou seja, através de um poder central capaz de arbitrar os conflitos no interior da sociedade. Mas, o poder estatal como vimos, não interfere na lógica interna das

tribos pós-modernas e na lógica interna à cidade – constituída de várias tribos – que precisam canalizar a violência para uma vítima expiatória.

Como estas vítimas devem se encontrar numa situação social marginal, no caso da cidade de São Paulo, elas são localizadas nas periferias – mas não exclusivamente, pois apresentam-se também nos presídios, nos manicômios, na Fundação de Bem Estar do Menor – FBEM - etc. A mídia de massa, principalmente, ao apontar estas regiões como celeiro de marginais, como o lugar mais violento do mundo ou como o triângulo da morte, promoverá a construção social contemporânea da vítima expiatória que precisa ser sacrificada para se restabelecer a paz e a tranquilidade. Explica-se com isso, a aprovação por grande parte da população das ações da polícia e dos justiceiros, que vitimam fatalmente criminosos. Eles apenas executaram o sacrifício.

Na periferia, os jovens e os adolescentes - autores e vítimas de violência – identificarão a violência nas ‘periferias da periferia’, ou seja, naqueles que são marginais à sua comunidade – os nória, os estupradores, os traficantes, etc – mas, principalmente, no centro da cidade – geográfico e econômico. Os “plays” encarnam o mal que deve ser sacrificado, pois eles oprimem os mais pobres. Neste tipo de representação, presente no rap e nos discursos, não é raro a hostilidade e o incentivo a ações violentas contra os considerados ricos. A violência mais uma vez é canalizada para uma vítima expiatória

Instaura-se a reciprocidade violenta entre o centro da cidade e a periferia, cada pólo localizando o mal no outro. A ausência do Estado como poder moral e material capaz de arbitrar os conflitos e limitar a violência entre os cidadãos contribuirá para a generalização da violência na cidade – indicada pelo aumento do porte de armas de fogo, dos homicídios, dos roubos, dos seqüestros, etc. A segurança tornou-se a principal preocupação na cidade.

Em algumas regiões - zona sul – a violência urbana atinge níveis alarmantes, sendo a principal causa de mortes entre os adolescentes que praticamente são empurrados para atividades criminosas por não disporem de melhor perspectiva de vida. Se não há outras escolhas, participar do mundo do crime pode ser uma opção viável para sobreviver e atender os estímulos de consumo.

O nível de escolaridade dos adolescentes que se dedicam a atividades criminosas vem aumentando nos últimos anos, o que indica uma mudança na representação da função da escola. Ela não é mais percebida como instituição capaz de propiciar a ascensão e por

consequência, a redenção social. A violência apresenta-se como a única alternativa. A frustração promoverá a reciprocidade violenta no espaço escolar, os alunos passam a atribuir a sua situação de marginalidade à má formação escolar e a culpar a escola pela falta de melhores oportunidades. Revidam por meio de depredações, agressões contra professores e funcionários, tráfico de drogas em suas dependências, etc. A escola, na maioria das vezes, despreparada para lidar pedagogicamente com a violência, responderá à violência com violência. Policiais armados no interior das escolas, grades nas janelas, portões blindados, muros altos, câmeras monitorando os alunos são as soluções mais frequentes. Medidas que fornecem combustível para a reciprocidade violenta entre os alunos e a escola e entre esta e a comunidade que constitui a sua clientela.

A reciprocidade violenta proliferando entre o centro e a periferia disseminará o medo da morte violenta por toda a cidade. Na zona sul, a morte freqüente a escola, está presente no corpo estendido na rua, no bar, no terreno baldio. Convive-se tão intimamente com a morte violenta que ela torna-se familiar. Não se sabe, contudo, nas escolas o quanto ela interfere na formação dos alunos nem o modo de trabalhar com ela.

Não há uma pedagogia da morte na escola! A pergunta inicial que orientou a pesquisa foi respondida negativamente. Batemos na porta errada ao tentarmos encontrar esta pedagogia, pois a presença da morte violenta ainda não motivou um trabalho pedagógico mais consistente. Isto talvez possa ser explicado pela dificuldade de trabalhar com o tema sem reestruturar as instituições de ensino, uma vez que a morte não pode ser trabalhada apenas intelectualmente, ela exige uma maturidade emocional não prevista nos currículos atuais. Faz-se necessário, portanto, uma educação que contemple as experiências humanas fundamentais – a morte, o amor, a tristeza, a saudade... Sem essa ampliação na compreensão da educação, a escola continuará a produzir frustração e infelicidade, já que o único horizonte vislumbrado é o do emprego, o da ascensão social, o do curso universitário... o do consumo!

A pedagogia da morte está fora da escola, nas ruas, nos cemitérios, nos hospitais e necrotérios. O Cemitério São Luís – localizado no Jardim São Luiz - prolonga-se para dentro do bairro fazendo com que reflitamos na familiaridade das pessoas deste lugar com a morte que cede seu espaço para as crianças brincarem, para os casais namorarem, para animais pastarem... A vida organiza-se no espaço reservado à morte que sai pelo bairro

mostrando o baixo valor da vida numa região onde com freqüência os jovens, vítimas da violência urbana, são encontrados mortos nas calçadas. Mortes cantadas pelo rap e lembradas pelas roupas e pelos adornos dos jovens que exibem representações do macabro – cruces de sepultura, crânios, caveiras...

Na cidade, a dissimulação da morte nos quartos dos hospitais, na velocidade das ambulâncias, nos desenhos animados, nos jogos eletrônicos... ensina mais do que esconde. Quer-se acreditar que a morte foi banida da cidade, que a morte só é real nos noticiários sobre a periferia, mas ela sempre se apresenta como a violência máxima de um assalto, de um seqüestro, de um roubo que vira latrocínio, de uma blitz, da natureza que impõe a decadência do corpo. Ela provoca medo na cidade que por todos os meios quer esquecê-la para afirmar a vida.

Sonho vão, pois a morte está em toda a parte.

6 - Referências bibliográficas

- ADORNO, Sérgio, *O adolescente na criminalidade urbana em São Paulo* / Sérgio Adorno, Renato Sérgio de Lima, Eliana B. T. Bordini, Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- ARIÈS, Philippe, *L'enfant et la famille sous l'Ancien Régime*, Éditions du Seuil, Paris, 1973.
- O homem diante da morte vol. I*, Publicações Europa-América, Portugal, 1977.
- O homem diante da morte vol. II*, Francisco Alves, Rio de Janeiro 1990.
- BABETTE, Harper/ Ceccon, Claudius/Oliveira, Miguel Darcy de, *Cuidado Escola*, ed. Brasiliense, São Paulo, 1980.
- BOURDIEU, Pierre/Passeron, Jean Claude, *A reprodução (elementos para uma teoria do sistema de ensino)*, ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1992.
- CLASTRES, Pierre, *Arqueologia da Violência (ensaio de antropologia política)*, ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.
- Durkheim, Emile, *As regras do método Sociológico*, In Coleção Os Pensadores, ed. Abril, São Paulo, 1973.
- ELIAS, Norbert, *A sociedade dos indivíduos*, ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1994.
- FOUCAULT, Michel, *Vigiar e punir (história da violência nas prisões)*, Vozes, Petrópolis 1987
- FREIRE, Paulo, *Ação cultural para a liberdade*, ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.
- Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970.
- FROMM, Erich, *Anatomia da destrutividade humana*, ed. Guanabara, Rio de Janeiro 1987.
- GIRARD, René, *A violência e o sagrado*, ed. Paz e Terra/Unesp, São Paulo, 1990.
- HOBSBAWN, Eric, *Era dos extremos (O breve século XX 1914 – 1991)*, Cia das Letras São Paulo 1995.
- JACOB, François, *A lógica da vida (Uma história da hereditariedade)*, Graal, Rio de Janeiro 1983.
- JOHNSON, Roger N., *A agressão no homem e nos animais*, ed. Interamericana, Rio de Janeiro, 1979.
- KOVACKS, Maria Júlia, *Morte e desenvolvimento humano*, Casa do Psicólogo, São Paulo 1992

- LEVISKY, David Léo (org.), *Adolescência pelos caminhos da violência*, Casa do Psicólogo, São Paulo 1998.
- LORENZ, Konrad, *A demolição do humano*, ed. Brasiliense, São Paulo 1986.
- MAFFESOLI, Michel, *Le temps des tribus*, Meridiens Klincksieck, Paris 1988.
- MEDRADO, Hélio Iveson Passos, *Depredation scolaire: le politique en morceaux*, tese de doutoramento defendida na Université de la Sorbonne Nouvelle Paris III, Paris, 1996.
- MICHAUD, Yves, *A violência*, ed. Ática, São Paulo 1989.
- MORAIS, Regis de, *Violência e educação*, ed. Papyrus, Campinas, 1995.
- MORRIS, Desmond, *O animal humano*, ed. Gradiva, Lisboa, 1996.
- MORIN, Edgar, *O homem e a morte*, Imago, São Paulo 1995.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio (coordenador), *A violência na zona sul de São Paulo (um estudo sobre o homicídio e a geografia do crime numa região urbana)*, Núcleo de Estudo da Violência/USP e Secretaria de Segurança Pública – SP, 1995.
- SANCHEZ, Valéria, *Morte na periferia de São Paulo*, Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.
- SANDSTROM, C.I., *A psicologia da infância e da adolescência*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.
- SAVIANI, Demerval, *Escola e democracia*, ed. Autores associados, 1999.
- SINGER, Helena, *República de crianças*, ed. Haucitec, São Paulo, 1997.
- VELHO, Gilberto/ALVITO, Marcos (org.), *Cidadania e violência*, ed. UFRJ/FGV. Rio de Janeiro 1996.
- VOVELLE, Michel, *La mort et l'occidente: de 1300 à nos jours*, Gallimar, Paris 1983
Mourir autrefois (attitudes collectives devant la mort aux XVII et XVIII^{ème} siècle), Gallimard, Paris 1974
- WENTZ, W.Y.Evans, *O livro tibetano dos mortos*, Pensamento, São Paulo 1991.
- WILSON, Edward, *Da natureza humana*, ed. T.A. Queiroz e Edusp, São Paulo.
- Análise da realidade brasileira nas décadas de 50 a 80 (coleção princípios), ed. Ática, São Paulo, 1991.
- Ouvidoria da polícia do Estado de São Paulo, Relatório anual de prestação de contas, São Paulo 1999.
- São Paulo sem medo (um diagnóstico da violência urbana) , vários autores, Garamond, Rio de Janeiro 1998.

Sites consultados:

GRYBOWSKI, Cândido. O Brasil que não muda. www.ibase.org.br:

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD www.ibge.gov.br/população/. Aqui você encontra dados sobre indicadores sociais como saúde, educação, rendimentos e dados demográficos. Os mais recentes são de 1999.

Plano de segurança nacional www.mj.gov.br/

Relatório de Desenvolvimento Humano 2001. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). www.undp.org

7 - Glossário*

Bocada:

Local ou ponto de venda de drogas. “Poderia ser chefe da **bocada**”.

Chapado:

Condição física ou estado de alguém após consumir algum tipo de droga.

Chegado:

Um amigo íntimo ou alguém com que se pode contar, alguém que faz parte de um grupo de uma comunidade, fato que supostamente o torna solidário.

Dj. :

No Rap, os efeitos sonoros bem como a escolha da base (som de fundo) é feita pelo **Dj** que opera a mesa de som, as chamadas “pickaps”.

Farinha:

Nome dado ao pó da cocaína.

Gandaia:

Caia na **gandaia**, é o mesmo que dizer divirta-se. **Gandaia**, portanto, é tudo que pode proporcionar diversão e, conseqüentemente, prazer.

Grafite:

Pode ser definido como arte pictórica de rua, uma vez que usa como material os muros e as paredes da cidade. A técnica de pintura é livre, embora, utilize, quase exclusivamente, Sprays, para desenhar e colorir. Os temas do **grafite** são variados, encontramos, contudo, com frequência temas ligados a vida na periferia e a crítica social - como a violência, na representação de um jovem atirando. O grafite difere da pichação por ser uma forma de expressão pictórica, podendo ser considerada arte popular ou arte da rua, é feito em lugares amplos e não raras vezes revela ser um trabalho técnico. Cada grafiteiro, como cada pintor tem o seu estilo evidenciado nos seus traços. A pichação é constituída de letras distorcidas codificadas que geralmente são feitas em lugares de difícil acesso, como no topo dos prédios, numa parede perto de um posto policial, numa ponte elevada... visando

* Nosso objetivo não é fazer um Glossário completo das gírias utilizadas nos bairros focalizados pela pesquisa, o que pretendemos é fornecer algumas palavras para ajudar a compreensão do texto e dos trechos de letras de Rap.

afirmar a audácia e a coragem dos pichadores. Geralmente está associada à depredação, enquanto o grafite à decoração de um espaço e também, como o 'Rap', à crítica social. Neste sentido, grafites com representações da violência e da morte podem ser interpretados como o sentimento de um destino trágico que precisa ser mostrado "pra deixar os mano ligado", ou seja, para lembrar a presença da morte violenta.

Hip-hop:

Movimento cultural negro que se originou nos EUA na década de setenta. Este movimento inclui cinco elementos: a música Rap, a técnica de Dj, o Grafite, a Dança e a Ação social. O quinto elemento, a ação social, relaciona-se a tarefa dos membros do **hip-hop** de por meio da música, dos grafites e das oficinas de arte do movimento (oficina de Dj, oficina de Dança, oficina de Grafite...) transmitirem novos valores para os jovens - respeitar a vida, não usar drogas, não andar armado...

Home:

"Os **Home**" refere-se à polícia.

Ligado:

Estar ligado, significa estar atento, perceber o que muitas vezes não é óbvio numa situação.

Mancada:

"Dar uma mancada", significa cometer um erro.

Mano:

Parceiro, amigo.

Motoboy:

Jovem que trabalha fazendo entregas utilizando motocicleta.

Nóia:

Este termo origina-se de paranóia e refere-se ao estado que o usuário de droga fica quando não consome o produto. **Nóia**, portanto, é o desesperado que pode fazer qualquer coisa – cometer qualquer tipo de violência – para conseguir sua droga.

Panos:

Roupas

Play:

Provém de Playbboy, que na gíria urbana denota jovem rico que não precisa trabalhar para sobreviver.

Presunto:

Morto ou cadáver.

Rap:

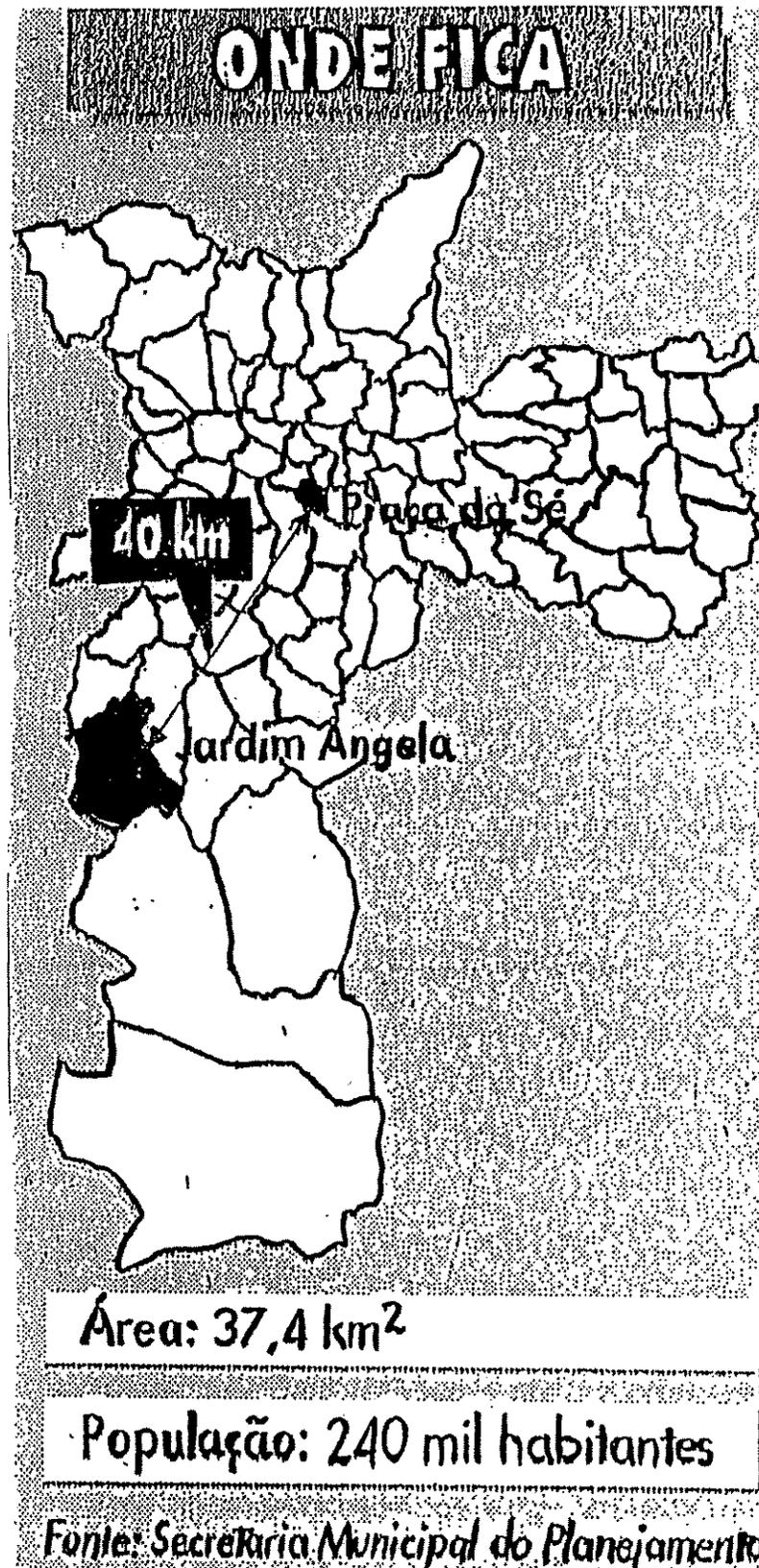
Estilo de música no qual a letra é falada, tendo uma base ou um som de fundo, além de efeitos sonoros que podem ser introduzidos pelo Dj. Os temas do Rap são, geralmente, ligados à violência urbana e aos valores considerados 'positivos' para a vida.

Vacilo:

Vacilar é perder uma oportunidade, não agir com esperteza, complicar-se numa situação por alguma tolice.

8 – Anexos:

Anexo A: Mapa da cidade de São Paulo com a localização do J. Ângela.



Anexo B:

Roteiro Resumido em Blocos do Documentário: “Novos Quilombos de Zumbi”*

Bloco I: Cemitério

A violência que envolve os adolescentes resulta na grande mortalidade destes, será mostrado o Cemitério São Luiz que serve de local de enterro destes jovens.

Os coveiros e o administrador do cemitério darão depoimentos sobre o perfil de quem está enterrado ali, o número de mortos, as causas das mortes, etc.

Bloco II: Uma adolescente da zona sul

Menina negra adolescente moradora na periferia da cidade de São Paulo dá o seu depoimento sobre as diversas formas de violência que na sua opinião atingem os moradores desta região.

A Menina negra fala o que pensa da morte.

A partir destes depoimentos o vídeo passa a tratar das experiências e estratégias da comunidade para lidar com a violência.

A Menina negra que mantém vínculos com a comunidade nos conduzirá aos coordenadores dos movimentos populares existentes na região, ao grupo de Hip-Hop e a escola.

Bloco III: Hip-Hop

A Menina nos conduz para o interior de um baile Hip-Hop.

Nesse momento o documentário descreve o que é o movimento Hip-Hop, colhendo declarações dos seus líderes e dos participantes, enquanto se mostra todas as manifestações culturais e políticas que cercam este movimento (danças, músicas, grafites, protestos, etc).

* **FICHA TÉCNICA:** *Direção: Noel dos Santos Carvalho*
Roteiro: Álvaro Vieira
Produção: Multimeios-Unicamp

Bloco IV: Escola

O show Hip-Hop introduz o tema: “escola”, pois o show acontece nas dependências de uma escola (Escola Municipal Oliveira Viana). Pessoas ligadas ao movimento Hip-hop declararão porque vêm na escola a possibilidade de conscientização da comunidade.

Haverá fala de estudantes das escolas da região (a Menina negra estuda em uma delas) e dos respectivos professores sobre a violência e a morte na região e sobre alternativas encontradas pelas escolas para resolver o problema.

Bloco V: Soluções

Durante a Passeata da Paz que parte do Jardim Ângela e vai até o Cemitério São Luiz - realizada todos os anos em novembro pela Paróquia dos Santos Mártires, localizada no Jardim Ângela, envolvendo toda a comunidade da região, dos bairros Jardim Ângela, Jardim São Luiz e Capão Redondo - destacaremos os coordenadores de movimentos populares.

Colheremos o depoimento destes coordenadores e do Pe. Jaime da Paróquia dos Santos Mártires, que trabalha com o problema da violência no bairro a mais de trinta anos, sobre soluções para a violência nos bairros e nas escolas.

Bloco VI: Encerramento

A Menina Negra dança rap em cima de uma laje de onde se pode avistar todo o bairro, crianças brincam nas ruas, durante um final de tarde ensolarado.

Anexo C:

Distribuição dos adolescentes infratores, segundo o sexo, cor, idade, naturalidade, escolaridade e inserção no mercado de trabalho –Município de São Paulo 1988-91/1993-96

VARIÁVEIS	DISTRIBUIÇÃO DOS ADOLESCENTES INFRATORES	
	1988-91	1993-96
SEXO	100,00	100,00
MASCULINO	87,90	86,40
FEMININO	12,10	13,60
COR	100,00	100,00
BRANCOS	60,80	62,30
NEGROS	39,20	37,20
AMARELOS	...	0,07
IDADE	100,00	100,00
MENOS DE 12 ANOS	2,40	0,10
12 ANOS	2,80	2,20
13 ANOS	4,50	5,60
14 ANOS	9,00	8,80
15 ANOS	15,20	14,20
16 ANOS	21,10	22,90
17 ANOS	27,70	28,60
18 ANOS	16,10	16,70
MAIS DE 18 ANOS	1,20	0,90
NATURALIDADE	100,00	100,00
NORTE E CENTRO-OESTE	1,00	1,00
NORDESTE	11,90	9,80
SUDESTE (exceto SP)	3,20	2,80
SUL	3,30	1,90
SÃO PAULO	80,40	83,30
BRASIL SEM ESPECIFICAÇÃO	...	1,00
OUTRO PAÍS	0,30	0,20
ESCOLARIDADE	100,0	100,00
ANALFABETO	5,70	3,30
NÍVEL de ENSINO FUNDAMENTAL	86,70	85,20
NÍVEL de ENSINO MÉDIO	7,50	11,30
2 GRAU INCOMPLETO	0,10	0,20
INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	100,00	100,00
ATIVOS NO MERCADO DE TRABALHO	54,10	45,50
OCUPADOS	54,10	36,70
DESEMPREGADOS	...	8,80
INATIVOS NO MERCADO DE TRABALHO	45,90	54,50
ESTUDANTES	15,80	33,80
NÃO ESTUDANTES	...	20,70

FONTE: PODER JUDICIÁRIO/VARAS ESPECIAIS DA INFANCIA E DA JUVENTUDE DA CAPITAL; CONVENIO FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS -SEADE/NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLENCIA - NEV/USP

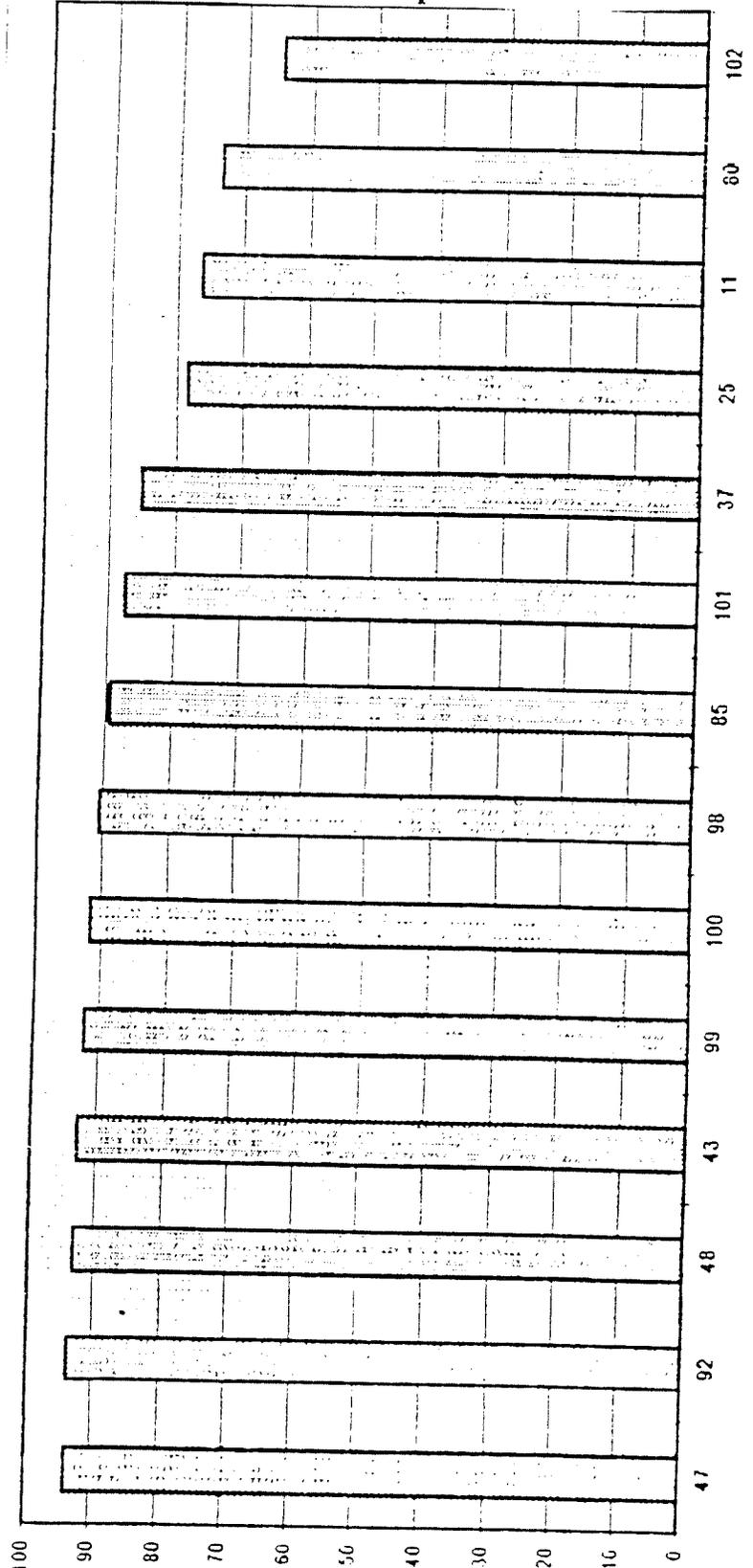
Anexo D:

Grafito: Jovem atirando (muro do Cemitério São Luiz)

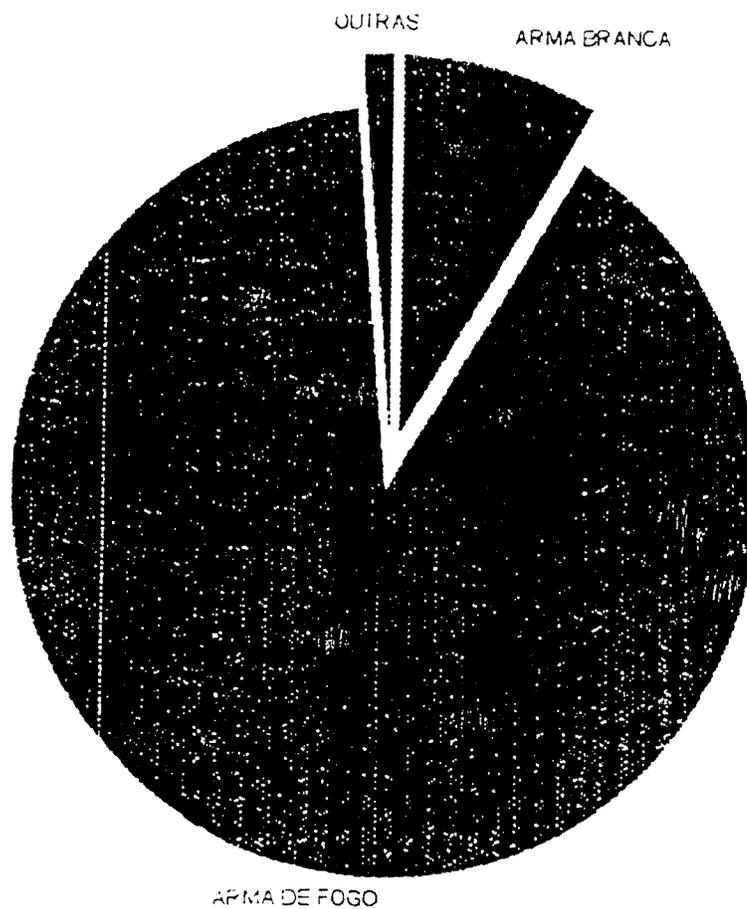


Anexo E:

Porcentagem de mortes provocadas por armas de fogo – 14 distritos da zona sul de São Paulo – 1995 – fonte boletins de ocorrência policial.



Armas empregadas nos homicídios e tentativas de homicídios em 14 distritos da zona sul de São Paulo –1995 – fonte: Boletins de ocorrência policial.



Anexo F:

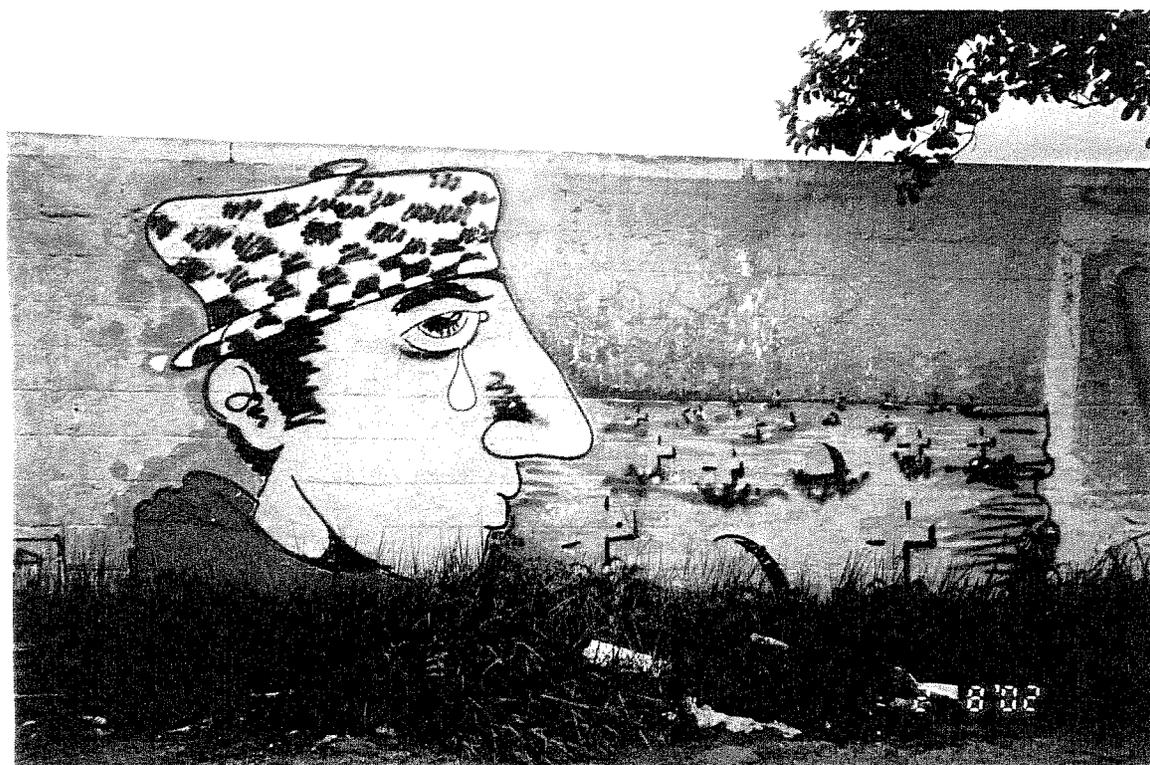
Tabela: Dez principais causas de morte na faixa etária de 10 a 19 anos no município de São Paulo, 1998

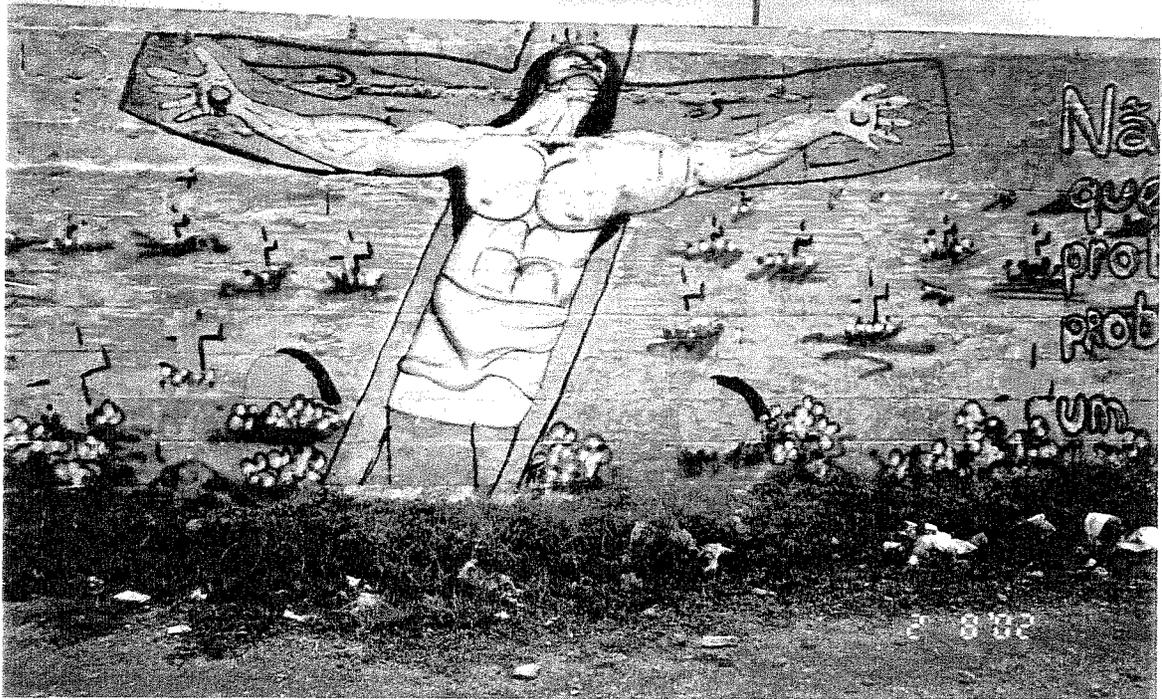
Todas as causas (1700 mortos)	Número	%
Homicídios.....	917	53,9
Acidentes de trânsito	170	10,0
Outros acidentes	56	3,3
Pneumonias	42	2,5
Suicídios	42	2,5
Leucemia	37	2,2
Lesões de causa indeterminada	35	2,1
Quedas	23	1,4
Causa de morte não definida	22	1,3
Bronquite, efisema, asma	15	0,9

Fonte: Pesquisa: Alguns aspectos da mortalidade no município de São Paulo-1998-NEV-USP (Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo).

Anexo G:

Grafites representando a morte (muro do cemitério São Luiz)

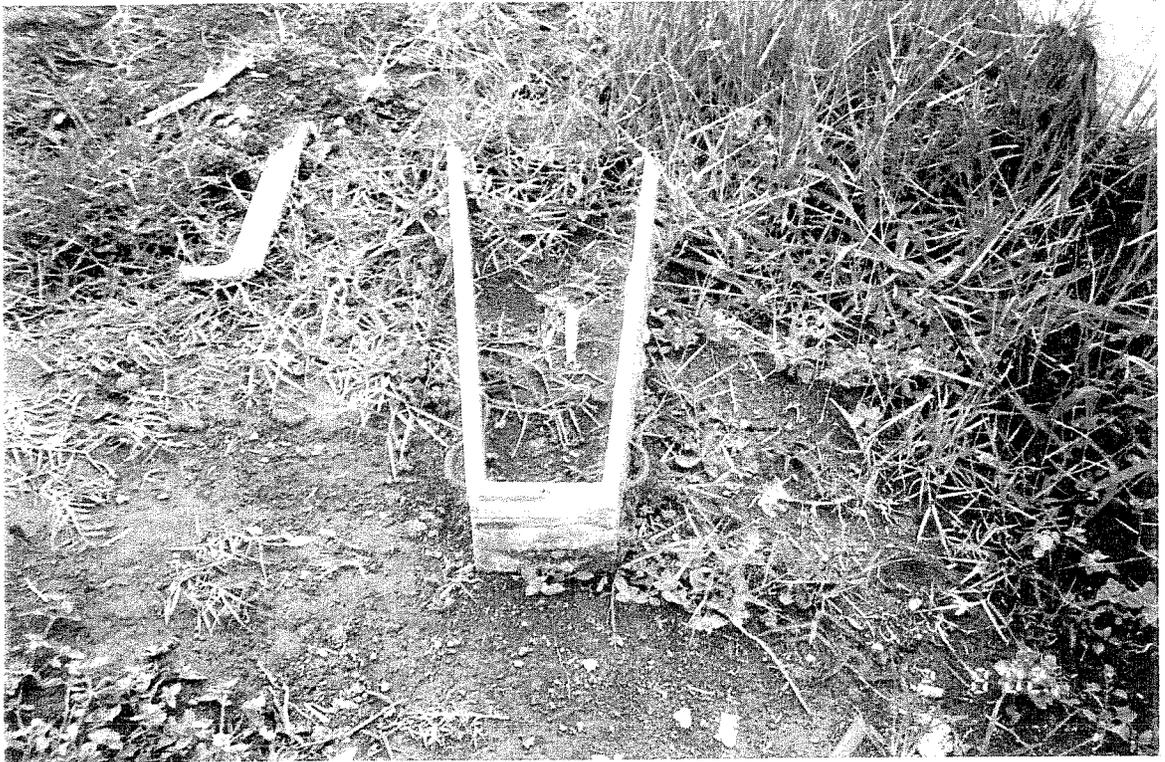




Anexo H:

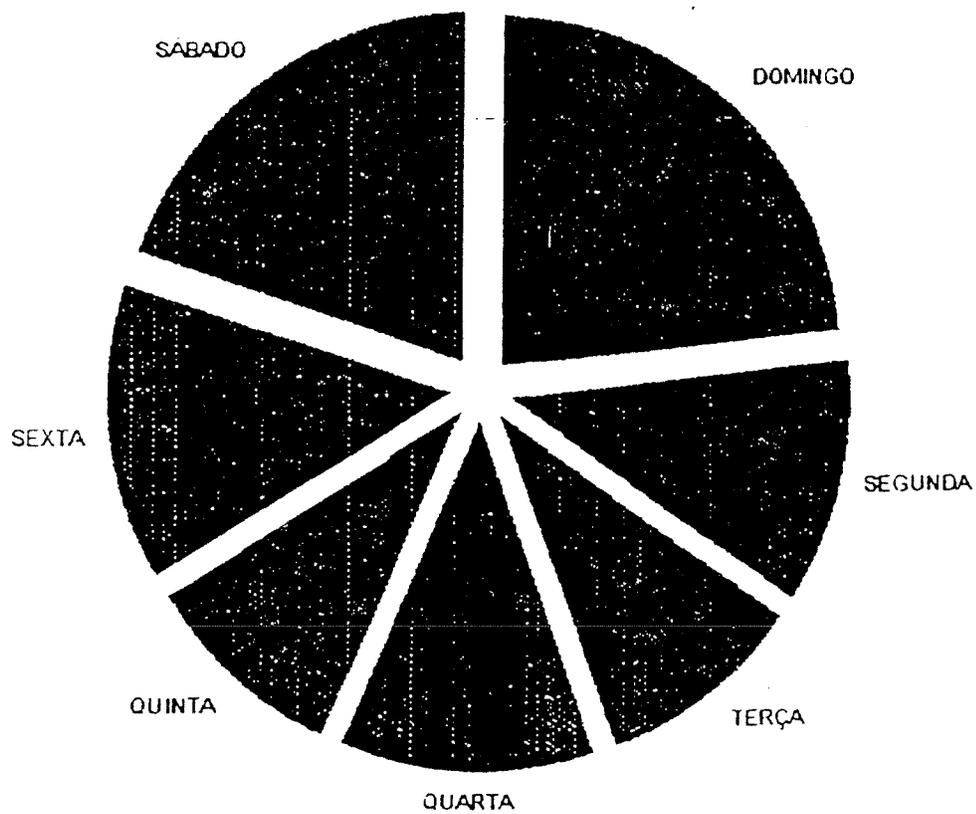
Imagens do Cemitério São Luiz



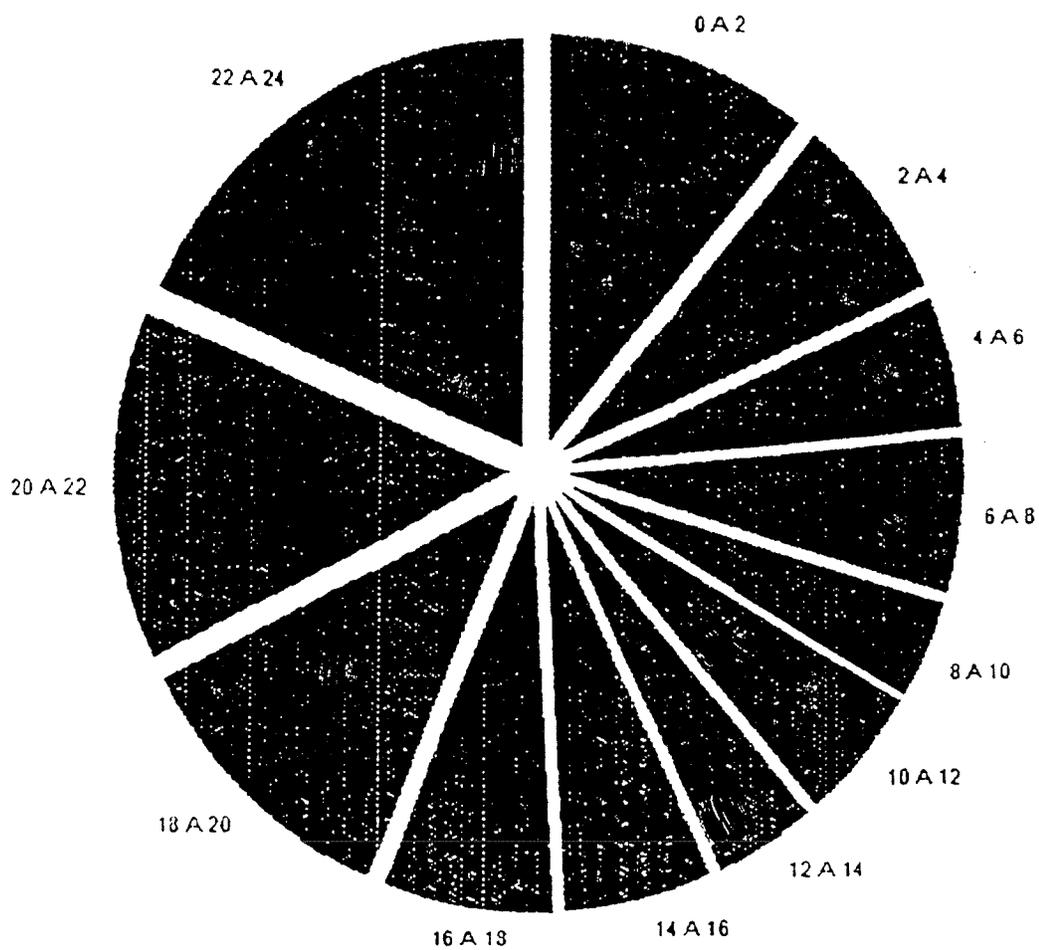


Anexo I:

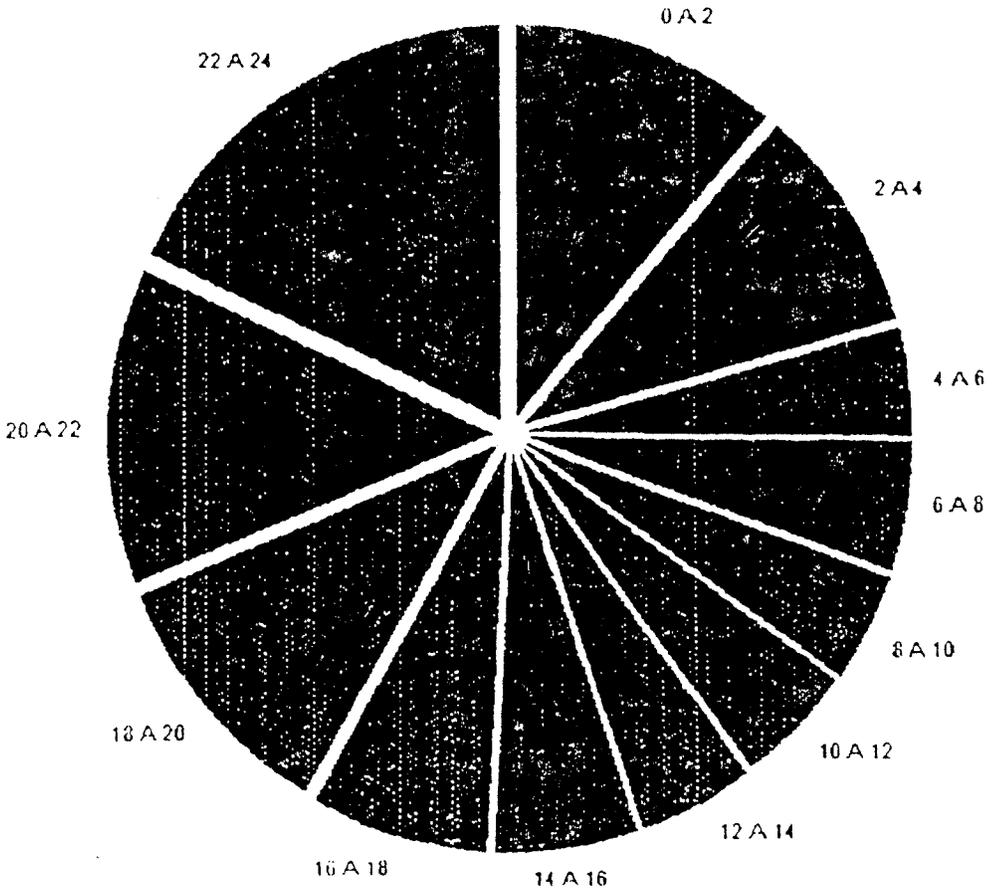
Dias em que são cometidos os homicídios – 14 distritos da zona sul de São Paulo – 1995 – Fonte: Boletins de ocorrência policial.



**Horário dos homicídios e tentativas de homicídios – 5 Dps da região sul de São Paulo
– 1995 – Fonte: Boletins de ocorrência policial.**



Horário dos homicídios e tentativas de homicídio – 14 Dps da zona sul de São Paulo – 1995 – Fonte: Boletins de ocorrência policial.



Anexo J:

Causas das mortes violentas na zona sul da cidade de São Paulo

CRIMES CUJO MOTIVO SO FOI IDENTIFICADO APOS INVESTIGAÇÃO
14 DISTRITOS POLICIAIS, CIDADE DE SÃO PAULO - 1995

MOTIVO	TOTAL	%
BRIGA	19	13,1
VINGANÇA	19	13,1
TRÁFICO	17	11,7
BRIGA P/MULHER	12	8,3
BRIGA BAR	11	7,6
JUSTICEIRO	11	7,6
BEBIDA	9	6,2
ROUBO	9	6,2
ACERTO	9	6,2
BRIGA CASAL	9	6,2
DIVIDA	8	5,5
TESTEMUNHA	6	4,1
ERRO	2	1,4
TRANSITO	2	1,4
OUTROS	2	1,4
TOTAL	145	100,0

FONTE : INQUÉRITOS POLICIAIS, DEPARTAMENTO DE HOMICÍDIOS
PESQUISA NEV

CRIMES CUJO MOTIVO FOI IDENTIFICADO DE IMEDIATO
14 DISTRITOS POLICIAIS, CIDADE DE SÃO PAULO - 1995

MOTIVO	TOTAL	%
BRIGA	71	30,1
ROUBO	50	21,2
BRIGA BAR	23	11,9
BRIGA CASAL	26	11,0
TRÂNSITO	14	5,9
ACERTO	13	5,5
BRIGA P/MULHER	12	5,1
DIVIDA	10	4,2
TRÁFICO	8	3,4
ESTURBO	4	1,7
TOTAL	236	100,0

FONTE : BOLETINS DE OCORRÊNCIA - CAP/SSP
PESQUISA NEV

Anexo L:

Distribuição dos adolescentes infratores, por escolaridade, segundo a natureza da infração – Município de São Paulo – 1993-96.

VARIÁVEIS	ESCOLARIDADE			
	ANALFABETISMO	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO	ENSINO SUPERIOR
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00
CONTRA A PESSOA				
HOMICÍDIOS	1,50	0,90
TENTATIVAS DE HOMICÍDIO	1,50	0,70	0,70	...
SEQUESTRO	...	0,00
CONTRA O PATRIMONIO				
FURTO	23,70	17,60	7,80	10,00
TENTATIVAS DE FURTO	8,90	7,30	3,50	...
ROUBO	23,00	19,00	9,10	20,00
ROUBO SEGUIDO DE MORTE	...	0,50
TENTATIVAS DE ROUBO	11,10	4,50	0,90	...
ESTELIONATO	0,70	1,40	3,90	...
CONTRA A PAZ PÚBLICA				
MEMBROE DE GANGUES OU QUADRILHA	...	0,30	0,20	...
CONTRA A INCOLUMIDFADE PÚBLICA				
USO DE DROGAS	...	0,60	0,70	...
PORTE DE DROGAS	3,70	3,30	5,20	10,00
TRÁFICO DE DROGAS	5,20	2,70	1,50	...
CONTRA OS COSTUMES				
ESTRUPPOS/TENTATIVAS	0,70	0,90	0,70	...
ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR	1,50	1,10	1,30	...
OUTROS ATOS SEXUAIS	...	0,60	0,40	...
OUTRAS				
PORTE DE ARMAS	2,20	5,70	2,20	...
DIRIGIR SEM HABILITAÇÃO	...	6,00	22,10	40,00
OUTOS DELITOS	10,40	15,50	19,80	20,00
FONTE: SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA – SSP/DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA – DGP/DEPARTAMENTO E CONTROLE DA POLÍCIA CÍVIL- DEPLAN/ CENTRO DE ANÁLISE DE DADOS – CAD; PODER JUDICIÁRIO/VARA ESPECIAIS DA INFANCIA E DA JUVENTUDE DA CAPITAL; CONVENIO FUNDAÇÃO SEADE e NEV/USP; CONVENIO SECRETARIA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS e NEV/USP.				